

**JANAINA TATIM**

**DE QUE SÃO ESTAS "BALAS"?**  
**UM ESTUDO SOBRE A SEÇÃO "BALAS DE ESTALO" DA GAZETA**  
***DE NOTÍCIAS***

**PORTO ALEGRE**

**2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS**

**DE QUE SÃO ESTAS "BALAS"?**  
**UM ESTUDO SOBRE A SEÇÃO "BALAS DE ESTALO" DA GAZETA  
DE NOTÍCIAS**

**JANAÍNA TATIM**

**ORIENTADOR: PROF. DR. ANTONIO MARCOS VIEIRA  
SANSEVERINO**

Monografia apresentada como  
requisito parcial para a obtenção  
do grau de Licenciatura em Letras  
pela Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE**

**2014**

Dou este trabalho ao Atilio, por muito mais que o amor.

## RESUMO

Este trabalho discute uma série de elementos que configuraram a escrita da seção coletiva, “Balas de estalo”, da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, publicada entre os anos de 1883 e 1886. Pontuamos de que modo o projeto editorial da *Gazeta de Notícias*, o movimento de crítica ao *status quo* imperial, a herança das práticas de um gênero de versos satíricos, as balas de estalo, e a economia das funções das rubricas da *Gazeta* penetraram na possibilidade de criação das “Balas de estalo”. Pontuamos, ainda, recorrências nas práticas de escrita da seção que deixam entrever uma lógica de abordagem e uma vontade coletiva, as quais colaboram com a compreensão de sentidos para o fazer singular dessa rubrica. Tal lógica se exprime na denúncia do ridículo de seus objetos de crítica por meio de efeitos humorísticos constituídos com a paródia de outros gêneros do discurso. Disso, resulta uma prática em que a ficcionalização institui, a contrapelo, uma série de tensões nas lutas pela legitimação do saber produzido pelo jornalismo e pelo que esse saber deveria se constituir. Como ponto de chegada, propomos que todas essas considerações indicam que às “Balas de estalo” subjaz uma vontade coletiva de afirmar uma esfera pública de debate como dispositivo legítimo de contra-poder social. Por meio de nossa exposição, buscamos fazer com que esses elementos aparecessem em uma rede de relações mutuamente constituídas.

**Palavras-chave:** “Balas de estalo”; *Gazeta de Notícias*; práticas; sátira; paródia.

## ABSTRACT

This work discuss a series of elements which shaped the writing of the collective section, “Balas de estalo”, published in the periodical *Gazeta de Noticias*, of Rio de Janeiro, from 1883 to 1886. We point out in which way *Gazeta de Noticias*’s editorial project, the critical movement to the imperial status quo, the heritage of practices from a genre of satirical verses, known as balas de estalo, and the economy of the functions of *Gazeta*’s headings permeated in “Balas de estalo” possibility of creation. We also point out recurrences on the section practices of writing which indicate a logical of approach and a collective will, in order to collaborate to the understanding of meanings to this heading’s singular practice. Such logical is expressed on the condemnation of the ridicules on their objects of critique, through humoristic effects composed by the parody of other speech genres. From this, results a practice in which the fictionalization institutes, against the grain, a series of tensions in the fights for legitimating the knowledge produced in the journalistic sphere and by what this knowledge should be made. As a point of arrival, we propose that all these considerations indicate that behind “Balas de estalo” there is a collective will to state a public sphere of discussion as a legitimate dispositif of social counter power. We aim, by our work, show these elements in a mutually constituted web of relations.

**Keywords:** “Balas de estalo”, *Gazeta de Noticias*, practices, satire; parody;

## SUMÁRIO

Prólogo – notas à pesquisa.....	7
I. A <i>Gazeta de Noticias</i> : moderna e pachola.....	15
II. Receita para balas: do confeito ao jornal. ....	23
III. Um empregado que exorbita de sua função – Machado de Assis? .....	29
IV. Atualizações da receita pela confeitaria diária da <i>Gazeta</i> .....	33
V. Lógica do olhar: lentes bifocais para escárnio e paródia .....	45
VI. “Balas de estalo”: uma ficção como outra qualquer? .....	53
Epílogo – vontade de “Balas”; vontade de quê? .....	67
REFERÊNCIAS.....	74
PERIÓDICOS MENCIONADOS E CONSULTADOS .....	77
ANEXO – Fala do Trono.....	78

## Prólogo – notas à pesquisa

Ó doce, ó longa, ó inexprimível melancolia dos jornais velhos! Conhece-se o homem diante de um deles. Pessoa que não sentir alguma coisa ao ler folhas de meio século, bem pode crer que não terá nunca uma das mais profundas sensações da vida, - igual ou quase igual a que dá a vista das ruínas de uma civilização. Não é a saudade piegas, mas a recomposição do extinto, a revivência do passado, à maneira de Ebers, a alucinação erudita da vida e do movimento que parou.

Jornal antigo é melhor que cemitério, por esta razão que no cemitério tudo está morto, enquanto que no jornal está vivo tudo. Os letreiros sepulcrais, sobre monótonos, são definitivos; *aqui jaz, aqui descansam, orai por ele!* As letras impressas na gazeta antiga são variadas, as notícias parecem recentes; é a galera que sai, a peça que se está representando, o baile de ontem, a romaria de amanhã, uma explicação, um discurso, dois agradecimentos, muitos elogios; é a própria vida em ação.

Boas Noites. BONS DIAS!. *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1889, p. 1.

Este trabalho condensa uma trajetória de estudos relativamente longa, desenvolvida enquanto iniciação científica, no projeto “Crônica e cotidiano no final do Império: Uma proposta de estudo da série *Balas de Estalo*”. Sob orientação do Prof. Dr. Antônio Sanseverino, atuam enquanto pesquisadores três colegas de graduação e um colega de pós-graduação. Ao longo de quase toda minha participação, fui remunerada com bolsa PIBIC-CNPq.

Quando uma das tantas versões deste texto passou pelo escrutínio de um leitor<sup>1</sup>, ele notou que havia uma vacilação entre a intenção declarada de erigir a seção “Balas de estalo”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Fui privilegiada ao contar com muitos leitores perspicazes até a redação final. Como estas leituras se diluem no texto, gostaria de marcar minha gratidão. Agradeço primeiramente a leitura feita pelos colegas de pesquisa Bruna Nunes, Denise Estácio e Rodrigo Dias. Agradeço a leitura de Antonio Sanseverino na qualidade de orientador acadêmico e sobretudo não acadêmico. Agradeço a leitura de Jefferson Cano, de grande gentileza e de um interesse motivador. Agradeço as leituras de Atilio Bergamini, companheiro de cada linha. O trabalho contou ainda com as leituras do Prof. Dr. Charles Monteiro e da Profª. Dr. Regina Zilberman enquanto banca arguidora. Remarcamos o agradecimento à Regina que desde as aulas na graduação às referências dadas por e-mail tem marcado minha formação com seu profissionalismo e sua generosidade.

<sup>2</sup> Os títulos de rubrica serão mencionados entre aspas e com a ortografia atualizada.

(1883-1886) da *Gazeta de Noticias*<sup>3</sup> do Rio de Janeiro como objeto nuclear do estudo e certa ascendência da figura de Machado de Assis em diversos momentos, deslocando o centro de gravidade dos propósitos do trabalho. Ponderar sobre tal vacilação suscitou um inesperado ponto de partida para apresentar por que caminhos este texto veio a ser o que é.

Os objetos de pesquisa, que se reformularam ao longo de quatro anos, elucidam a ascendência de Machado de Assis. De início, voltamo-nos aos textos que o autor deu a público no ano de 1878, período crítico, de “pré-*viravolta*”, que indicaria a possível trama dos impasses e soluções que se formulavam em sua prosa, rachaduras já aparentes, últimos pontos de represamento, culminando na enxurrada *Brás Cubas*. Este programa de estudo, no entanto, era uma espécie de pré-pesquisa. Nossa vontade era estudar as “Balas de estalo”, de que Machado fizera parte, diretamente no periódico em que foram publicadas, entre 1883 e 1886, estendendo o interesse aos textos de seus demais colaboradores. Contudo, não tínhamos acesso ao periódico.

Em meados de 2012, pela primeira vez, adquirimos digitalizações do microfilme da *Gazeta de Noticias*, buscadas junto ao Arquivo Edgard Leuenroth, na UNICAMP. O arquivo de imagem pesado, difícil de ler, era em verdade apenas um recorte: a página dois do diário, com a rubrica “Balas de estalo” se insinuando entre as colunas estreitas, entre as letrinhas miúdas e vertiginosas como a superfície de um lago, eriçada pela brisa. Depois de os recortes ruinosos da *Gazeta* despertarem aquela sensação profunda exaltada pelo *Boas Noites*<sup>4</sup>, os vestígios se tornaram insuficientes, era preciso fixar a ruína toda. Então veio o tempo de estreitar as vistas diante da fantasmagoria azulada das máquinas de microfilme, experiência logo desbancada pela Hemeroteca Digital Brasileira, um acervo de periódicos digitalizados, aberto e *online*, recém-lançado em julho daquele ano. O acesso integral ao periódico e ainda a muitos outros transformou profundamente o horizonte e as possibilidades de pesquisa, sendo incomensurável a contribuição desse trabalho da Fundação Biblioteca Nacional, financiado pelo Governo Federal e pela FINEP.

Assim, dadas as condições materiais, partimos de interrogações básicas, não apenas à prosa de Machado, mas às “Balas de estalo” enquanto conjunto – desde a perspectiva de hoje, porém, vê-se a força do vulto de seu mais célebre colaborador sobre a leitura. Queríamos dar

---

<sup>3</sup> Adotamos a grafia original para mencionar periódicos, pois isso facilita a pesquisa na Hemeroteca Digital Brasileira.

<sup>4</sup> Pseudônimo ou assinatura utilizada por Machado de Assis na rubrica “BONS DIAS!” publicada na *Gazeta de Noticias* entre 1888 e 1889. Pseudônimos ou assinaturas serão mencionados neste trabalho como nomes próprios, com a ortografia atualizada.



vida e desdobramentos ao hipotético projeto de escrita por trás das “Balas”, como ele condicionou a prosa de Machado e como suas contribuições, por sua vez, constituíram a rubrica. Também nos moveu a curiosidade em saber como os demais colaboradores manipulavam em seus textos o projeto coletivo de escrita. Logo, um dos primeiros ímpetus foi cotejar a escrita de Machado com a dos demais, de sorte que, aos poucos, fomos conhecendo essa seção da *Gazeta de Notícias* para além dos textos assinados por Lélío, pseudônimo de Machado de Assis.

Eterno presente, vida com efeito de estar-em-ação, referências incessantes e imponderáveis a um tempo-de-agora ubíquo nos jornais, porém intangível ao pesquisador que vive sua alucinação erudita: quanto mais nos aprofundávamos nos textos de “Balas de estalo”, mais nos lançavam para fora dos limites da seção, pelas múltiplas referências a questões da ordem do dia, a outros jornais. A interlocução pulsante das “Balas” pedia que fossem estudadas em suas relações intersticiais com a própria *Gazeta* e mais além, com a imprensa coetânea e passada. Deste ponto da pesquisa é que parte o presente trabalho. Porém, remetemos brevemente a nosso histórico para reconhecer que, se por um lado o interesse em Machado de Assis lavrou caminhos de leitura, por outro lado, instamos em autonomizar as “Balas de estalo” de seu signo, para fazê-las advir um objeto interessante por si. A presença de Machado poderia ser minimizada, porém nos empenhamos em dispô-la como uma informante privilegiada da dinâmica das “Balas de estalo”.

Foi assim que esta pesquisa e esta pesquisadora, apesar de estarem em formação nos estudos literários, precisaram se haver com algo que não se deixou entender como obra literária – a seção de um jornal brasileiro do século XIX, de cuja escrita se ocupava um grupo de senhores. Difícilmente alguém nomearia essa seção, “Balas de estalo”, de “obra da literatura brasileira”, mais factível era chamá-la série de crônicas de um autor brasileiro. No entanto, nosso campo de estudos da Literatura Brasileira possui uma tradição de abordagem que lida com obras literárias. Basta abrir a caixa de ferramentas de Antonio Candido para achar lá dentro a obra, o autor, o público, a tradição – uma tradição de obras e autores, de autores de obras, de um público que apreende o lido enquanto obra e assim por diante.

Mesmo que não se nomeie “Balas de estalo” obra literária, a leitura dispositivada pelos aparatos teóricos que concernem às obras pode ser quase automática. Encarar a obra desde o campo do saber que amplamente chamamos Sociologia da Literatura implica se valer de alguns pressupostos para os quais a obra é *forma* concebida enquanto literária e/ou estética e exprime um conhecimento da realidade, uma visão sobre a humanidade, sobre temas humanos

e sociais<sup>5</sup>. Ou ainda, a transfiguração em forma literária de conflitos históricos específicos, a qual deixa ver uma perspectiva político-ideológica, com ênfase em entender que esses conflitos concernem às especificidades sociais brasileiras<sup>6</sup>. Portanto, se bem analisada, a imanência da forma literária traz os sentidos da obra de modo a transcender um saber meramente formalista.

O corpo das “Balas de estalo”, no entanto, logrou a viabilidade de partir da “imanência” da forma. O impasse fez voltar ao horizonte fundamental de sua produção: nem os autores das “Balas de estalo” se viram com a tarefa de produzir obras literárias nem seus leitores tinham a configuração “obra literária” em sua expectativa de leitura da seção. Ao levar isso em conta, recorremos a outros paradigmas de abordagem, que organizam saberes distintos, como a filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, a análise do discurso de Michel Foucault, a História Social e História Cultural dos impressos, a teoria da racionalidade comunicativa de Jürgen Habermas. Apesar de diversas e localizadas em campos específicos, preocupamo-nos em fazer uma apropriação coerente de cada uma dessas referências, elaborando pontos de diálogo possíveis entre si e este trabalho e não necessariamente uma filiação a elas.

Enquanto autor para quem preocupavam problemas de filosofia da linguagem, os postulados de Bakhtin sobre gênero do discurso, de que nos valem, se fundamentam na concepção de que toda e qualquer realização verbal concreta, ou seja, todo uso real da língua, se dá por meio de um enunciado. Não seria necessário discutir todos os pressupostos da teoria da enunciação bakhtiniana para se chegar ao ponto em que crucialmente interessa a nosso trabalho. Porém, é útil ressaltar o fundamento incontornável de seu conceito de enunciado: todo enunciado é interlocução histórica, não há enunciado fora da história, o enunciado é a unidade real (concreta) da comunicação verbal<sup>7</sup>. Assim, nossa abordagem das dinâmicas de uma seção de jornal, que por sua vez instaura uma prosa entre os limites de vários gêneros, tem por pressuposto a definição de Bakhtin dos gêneros discurso:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas

---

<sup>5</sup> CANDIDO, Antonio. Introdução. In: *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, v. 1. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975, pp. 23-39.

<sup>6</sup> Essa concepção está pulverizada como pressuposto em todos os trabalhos de Roberto Schwarz. Referimos o artigo que segue, pois nele vê-se de modo claro e complexo a formulação: SCHWARZ, Roberto. Leituras em competição. In: *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

<sup>7</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Emsantina Galvão G. Pereira, revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 287.

esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal [...], mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos [...] são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso<sup>8</sup>.

Tanto esferas sociais quanto os gêneros nelas produzidos podem ser mais ou menos porosos, permeáveis por outros tipos relativamente estáveis de enunciados. Tal dinâmica é familiar a qualquer leitor de jornais diários do século XIX, com suas escritas literarizadas, por exemplo, para adiantarmos a tese de Marie-Ève Thérénty<sup>9</sup>, com quem dialogamos ao longo deste estudo. Apesar de nossa pesquisa se ocupar com funções e práticas sociais que engendram certos gêneros em condições específicas, ela não abre mão de discutir tudo aquilo que poderia ser, historicamente, considerado “literário”, aquilo que ao longo do tempo foi sendo valorado, praticado e apreendido enquanto literário pelas esferas sociais de comunicação. Por isso, utilizaremos a noção de gênero do discurso e não a noção de gênero literário que por vezes se mobiliza em prol de essências textuais definidas *a priori* (que orientaria a procura de traços de gênero no *corpus*), ou tipos textuais a serem deduzidos (que orientaria a extração de traços do *corpus* para definir a essência do gênero).

Ainda que a noção de gênero esteja na formulação de nossas hipóteses, a finalidade do trabalho não é definir gêneros, nem seu propósito último discutir suas definições. Visamos o texto em sua historicidade – para falarmos com Giorgio Agamben e Michel Foucault – no âmbito da produção do discurso, no “conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder”<sup>10</sup>. Por isso as perguntas que erigiram o problema de pesquisa são do tipo: que dispositivos condicionaram “Balas de estalo”?, de que modo projetos editoriais organizaram sua escrita?, qual a função dessa seção na *Gazeta de Notícias*?, sobre que técnicas textuais e que representações sociais se apoiou a série?, que

---

<sup>8</sup> Ibid, p.279.

<sup>9</sup> Para Thérénty, rubrica designa mais do que o título que se dá a uma seção de jornal ou ao lugar dessa seção no jornal. A contribuição que a autora traz nesse sentido é a de “efeito de rubrica”, que, pensamos, não entra em conflito com a concepção de gênero do discurso, antes a complementa. O efeito de rubrica é o de um sistema dentro do jornal, em que os diversos espaços designam um tipo de conteúdo, de escrita, correspondem a uma função própria. Edição após edição, esse sistema instaura uma ordem que cria um cotidiano legível por meio de fragmentos. Então aqui surge um diálogo com o que era o grande interesse de Bakhtin: entender como vida e língua se interpenetram, como os enunciados organizam a vida e como a vida é organizada pelos enunciados.

<sup>10</sup> AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo?. In: *O que é contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Santa Catarina: Argos, p. 32, 2009.

vontade social compartilhada é expressa pelas práticas e pelo programa da rubrica?, como seus autores se viram interpelados por essas injunções?<sup>11</sup>

A noção de gênero do discurso é pressuposto de nossa leitura enquanto conceito que colabora na formalização do horizonte histórico que instaura as “regras” de construção da rubrica, mas que ao mesmo tempo a restringe a um tipo de realização. Por um lado, essas “regras” permitem visibilizar condições e recursos, linguísticos e não-linguísticos, para criar e multiplicar as “Balas de estalo”, e que torna possível uma identidade entre seus textos para além de se circunscreverem a um mesmo espaço da *Gazeta*, sob um mesmo título. Por outro lado, os dispositivos de multiplicação também limitam e controlam a possibilidade do dizer dentro da rubrica, dentro do projeto político-editorial do jornal, dentro de um diálogo histórico com modos de produção e circulação do discurso jornalístico (tanto na ordem nacional quanto internacional), dentro das condições de possibilidade de essa escrita pensada coletivamente expressar uma vontade social compartilhada, e assim por diante.

Cada seção do trabalho foi concebida para esmiuçar certos ângulos desse jogo de criação. Começamos por uma série de dispositivos anteriores às “Balas”, quase diluídos em sua textualidade, que, por isso mesmo, trazemos a primeiro plano. Por todo o mundo ocidental, ao longo do século XIX, vai se disseminando uma poética dos jornais cotidianos da qual a *Gazeta de Notícias* é em parte uma atualização, enraizada, porém, nos conflitos singulares do Brasil. Assim, buscamos expor alguns vestígios da penetração desse processo na concepção de “Balas de estalo”, como a racionalidade comercial e comunicativa, a escrita literarizada pelo humorismo, a crítica ao *status quo* imperial, a “maioridade” ideológica baseada na autonomia material das redações etc.

Damos ênfase à descoberta de outro dispositivo anterior à seção, que, apesar de invisível aos pesquisadores de hoje, era evidente para os autores e leitores de “Balas”. Trata-se dos vínculos dessa seção com um gênero de quadrinhas populares que faziam as vezes de embalagem de confeito, as *balas* de estalo. Um gênero apropriado pela imprensa, desde pelo menos a primeira metade do XIX, como textualidade a produzir nas folhas um espaço de recreio e sátira política. Entre diversas implicações para essa herança, pontuamos o posicionamento e o ímpeto satírico absorvido pelos baleiros, que vai legar uma força opiniática e de debate surpreendente à seção, mas também uma luta por legitimidade nos termos da moralização, em que seus autores ocupam o lugar daqueles aptos a fazer o juízo de

---

<sup>11</sup> Em parte, devemos esse modo de interrogar a Michel Foucault. Tivemos contato com sua obra a partir do texto: FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

“tudo e de todos” pela pena do ridículo. O legado das balas de estalo às “Balas” copõe ainda uma série de associações a valores ligados à mercadoria barata e popular e a estratégias comerciais dos jornais, neste caso, não evidentes como a comercialização de seus espaços, mas tácitas, supostamente mobilizadas na escrita das rubricas para a “sedução e deleite dos leitores”.

Há ainda outra herança em torno das “Balas” para a qual precisamos dar atenção. Trata-se da presença de Machado de Assis, pois a partir dele a rubrica tornou-se alvo de pesquisas, foi lida como uma de suas séries de crônicas, foi, ainda que de modo bem restrito, transposta aos livros. Considerações em torno de sua participação nos permitiram dar relevo, e mesmo “desapassivar”, valores em disputa em torno da seção e dos fazeres jornalísticos. Nossa hipótese de leitura é que, quando levamos em conta as estratégias postas na seção, seu projeto de escrita e lugar que ocupa em uma poética editorial específica, notamos que possuía uma função, enquanto rubrica da *Gazeta de Notícias*, que a diferenciava da crônica, além de protocolos de escrita que ultrapassavam o limiar do fazer cronístico. Para esmiuçar a hipótese, confrontamos esses elementos considerados diferenciais com a leitura de outro espaço da *Gazeta*, por anos consagrado à crônica, a rubrica “Crônica da semana”. A partir daí, entende-se melhor de que modo as “Balas” empreenderam uma atualização da maneira e dos sentidos de se fazer balas de estalo, como compartilharam prosaicas práticas de escrita com a crônica, mas também como se diferenciaram dela.

Complementamos esse entendimento da singularidade de “Balas de estalo” ao pontuar algumas recorrências de seus textos. Flagramos uma lógica frequente que implica uma “perspectiva bifocal”: ao mesmo tempo em que seus autores olham para a realidade com as lentes da função da rubrica para o jornal – qual seja, fazer a denúncia do ridículo pelo humor –, também operam a distorção de outros gêneros do discurso ao parodiá-los. Esse movimento produziu uma rubrica-camaleão que se mimetizava caricatural e satiricamente ao objeto de crítica. Com isso, tensiona-se uma série de expectativas em torno da relação jornalismo e realidade, pois quanto mais as “Balas” se valem do alicerce jornalístico de referir os fatos, mais esse alicerce é perpassado pela ficcionalização. O efeito da crítica fica potencializado. Não se trata de reproduzir a realidade, mas responder a ela sarcasticamente.

Finalmente, o epílogo esboça um ponto de chegada numa discussão mais ampla. Levantamos a hipótese de que as “Balas de estalo” deram expressão, em seu tempo e país, a uma vontade de estabelecer as possibilidades de questionamento de formas arbitrárias de poder, em uma esfera localizada publicamente, cujo princípio fundamental seria reconhecer

legitimidade apenas àquilo que pode ser objeto de escrutínio público. Os textos das “Balas” dão corpo a uma vontade coletiva de se constituir um dispositivo social – uma esfera pública, nos termos de Jürgen Habermas<sup>12</sup> – para o qual a única certeza é a de que nada pode ser dado por certo, e assim, tudo deve ser passível de crítica pública, socialmente interdependente, porém autônoma. As “Balas de estalo”, do jeito como se fizeram, simbolizam a vontade de instituir uma racionalidade crítica-comunicativa como modo legítimo de atribuir juízo de valor numa sociedade contraditória em que, às barbas do século XX, pessoas ainda poderiam ser consideradas mercadoria.

---

<sup>12</sup> HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública*. Tradução de Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

## I. A *Gazeta de Notícias*: moderna e pachola

Em 1883, a *Gazeta de Notícias*, um jornal diário da corte do Rio de Janeiro, deu início à publicação da rubrica “Balas de estalo” em sua segunda página. Sua circulação era significativa à época: a tiragem diária era de vinte e quatro mil exemplares<sup>13</sup>. Sua política editorial e estratégias mercadológicas afinavam-se com demandas crescentes no Brasil de um jornalismo de massa, tipo de jornalismo que, além de visar um público amplo, em geral se caracteriza por não assumir extremos políticos, pela busca de uma opinião média, por dedicar espaço considerável à publicidade e à ordem dos acontecimentos.

A feição editorial da *Gazeta de Notícias* seguiu, ao menos em suas primeiras décadas de existência, o paradigma dos *quotidiens* franceses. Conforme a pesquisa de Thérénty, esses jornais do XIX detinham uma poética própria cujas balizas comuns eram os princípios de uma matriz literária e de uma matriz midiática. A ironia, o tom de conversação, a escrita íntima, por exemplo, são elementos comuns que configuram sua literarização. A periodicidade, a coletividade, a atualidade e o efeito de rubrica, sua midiaticidade<sup>14</sup>. Salvo engano, todos esses elementos compunham também a unidade poética da *Gazeta*.

---

<sup>13</sup> Nelson Werneck Sodré em *História da Imprensa no Brasil* (1983, p. 253) considera a *Gazeta de Notícias* e o *Jornal do Commercio* os dois maiores jornais brasileiros do século XIX. Entre os jornais de grande circulação, também aparecem *O Paiz*, fundado em 1884, que contou nesse ano tiragem de 14 mil exemplares, o *Diário de Notícias*, fundado em 1885, que contava 20 mil, a *Gazeta da Tarde*, fundada em 1880, que entretanto não informa a tiragem em suas edições e *A Notícia*, fundada em 1884, mas cujas edições da década de 1880 estão indisponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, acesso em <www.memoria.bn.br>, de modo que não pudemos verificar a tiragem.

<sup>14</sup> THÉRENTY, Marie-Ève. *La Littérature au Quotidien*. Poétiques journalistiques au XIXe siècle. Paris: Éd. Le Seuil, coll. Poétique, 2007. A autora considera esses quatro princípios como fundadores do sistema de escrita dos jornais diários parisienses do XIX. A periodicidade diária ditava um ritmo de escrita e leitura, ajudando a criar a noção de vida cotidiana e dos limites de sua abordagem, ligados à demanda por assuntos da atualidade. Dar a público um jornal diário de grande circulação seria tarefa impraticável para uma única pessoa, por isso a coletivização. Ela estabelece um regime de escrita e produção ao qual se viam concernidos os diversos agentes envolvidos. Assim, mesmo que um escritor fosse único responsável por uma coluna, ele, bem como seus colegas, deveriam observar os textos contíguos do mesmo jornal, deveriam observar normas, limitações de gênero, de temas, de periodicidade, da própria dimensão espacial da folha impressa. Estavam obrigados, pois, a considerar o mundo dentro de uma distribuição fracionada e mediada por contratos de escrita e leitura. Por fim, o efeito de rubrica se refere ao modo como o jornal organizava o cotidiano por meio de critérios próprios de ordenação, que privilegiavam uma escolha mista de hierarquização da informação.

Além disso, práticas mais pontuais dos jornais diários de Paris foram entabuladas pelo quotidiano carioca. Uma delas, que fez da *Gazeta* pioneira no Brasil, foi a venda sistemática da edição avulsa e a preço popular (40 réis), marcando tendência a ser seguida – até então, a exemplo de como fazia o *Jornal do Commercio*, a venda se dava mediante assinaturas ou subscrições. Não é gratuito que a *Gazeta* fosse considerada o *La Presse*<sup>15</sup> brasileiro, diário parisiense fundado em 1836 por Émile de Girardin. Em média, sua assinatura anual custava 40 francos e já em meados de 1852 vendia-se a edição a 15 *centimes*, fazendo do *La Presse* o primeiro periódico a ser vendido a preço módico. Seu lapso de arrecadação era coberto com muita publicidade e com a conquista de um público amplo, seduzido pela publicação de romances e novelas de autores como Honoré de Balzac, Alexandre Dumas, Eugène Sue, George Sand, entre outros<sup>16</sup>. Estratégias mercadológicas como essas mudaram os rumos do fazer jornalístico brasileiro, pois os diários passam a visar um público amplo. Isso vai influir em políticas editoriais mais independentes em termos de conteúdo e abrir possibilidades de as redações serem mantidas mais pela venda de espaço comercializado do que por assinaturas ou instituições.

As “Balas de estalo” foram, em dadas circunstâncias, consideradas como uma estratégia mercadológica para a “sedução” dos leitores. Essa asseveração parte de algumas folhas coetâneas como uma acusação, à medida que lhes parecia que as “Balas” fossem um meio condenável de granjear leitores para vender mais jornal. O vínculo mercadológico também fica vivo nas acusações de as “Balas” serem instrumentalizadas para a propaganda. Lélío, pseudônimo de Machado de Assis, em uma de suas balas, repercutiu um apedido publicado pela Camisaria Especial, e foi alvo de mofa por supostamente fazer reclame aos anunciantes da *Gazeta*<sup>17</sup>. A prática de propagandear as próprias seções do jornal foi também criticada, como quando das divulgações feitas nas “Balas” ao folhetim de Aluísio Azevedo, *Philomena Borges* (1883) que estrearia na *Gazeta* em seguida. As polêmicas entre os pseudônimos da série, que os leitores teriam acompanhado com regozijo, e que se

---

<sup>15</sup> LEÃO, Múcio. Ferreira de Araújo. *Autores e Livros*, Rio de Janeiro, v. XI, n. 12, pp.113-114, dez. 1950. Trata-se de uma espécie de dossiê sobre Ferreira de Araújo publicado em dezembro de 1950 no suplemento literário *Autores e Livros* do jornal *A manhã*. Nele, há um texto de apresentação escrito por Múcio Leão e uma compilação de notícias, cartas e artigos, biografia e bibliografias, tudo em torno da figura de Ferreira de Araújo. Ponderamos certa imprecisão de alguns dados, porém acreditamos ser uma boa fonte de pesquisa de referências.

<sup>16</sup> THÉRENTY, 2007, pp. 27-29.

<sup>17</sup> Ver análise dessa bala de estalo na seção V deste trabalho “Lógica do olhar: lentes bifocais para escárnio e paródia”.



desdobravam em várias “Balas” até chegar à conciliação, também ressoavam como uma estratégia de autopromoção.

Outra associação importante feita entre a *Gazeta de Noticias* e suas “Balas de estalo” é a de que teriam a intenção de atingir um público “popular” – emergindo aqui o sentido de bala de estalo como mercadoria barata de confeitaria, objeto de estudo da próxima seção. O termo popular, neste contexto, levanta dúvidas sobre o que/quem exatamente poderia representar essa designação e por quais critérios – seria a “arraia-miúda” urbana, de letramento suficiente para a vida prática, adquirido por fora das instituições de ensino oficiais? Ao menos se pode ver que o *Apostolo*, uma folha católica da Corte fundada em 1866, deixa implícita uma distinção entre a educação religiosa e hiperculta que recebiam os filhos das elites e certos “populares” que começavam a consumir jornais e produzir leitura em parte fora dos dispositivos cultos tradicionais:

É admirável a lógica do nosso colega quando defende qualquer ideia em suas – Balas de estalo –, esquece o respeito ao público, olvida as conveniências sociais, não considera os que podem ler a folha, e escreve somente para a camada baixa da sociedade que lhe dá os dois vinténs, e o acompanhe nas palavras do ridículo contra tudo e contra todos; e assim consiga a *Gazeta de Noticias* seu fim que ficará satisfeita e terá cumprido sua missão na imprensa<sup>18</sup>.

Os alinhamentos feitos por *O Apostolo* merecem ser remarcados em seu tom conservador – mesmo arrogante. Ainda assim, nos valem enquanto termômetro de como a *Gazeta* e as “Balas” teriam sido lidas e valoradas por certas classes sociais em seu tempo. O próprio *Apostolo* se arvora a condição de público, capaz de exercer verdadeiramente a seleta atividade da leitura, enquanto se diferencia de uma camada baixa, incauta e meramente consumidora, visada pela *Gazeta*, e a quem as “Balas” se consagravam.

Assim como a racionalidade mercadológica vai transformando as práticas jornalísticas no século XIX em âmbito mundial, também as condições histórico-sociais brasileiras têm papel fundamental na possibilidade de aparecimento de jornais como a *Gazeta*.

Angela Alonso em *Idéias em Movimento* (2002) estuda a configuração política dos grupos de oposição ao *status quo* imperial, a chamada geração de 1870. Apesar de bastante diversa, essa geração poderia ser entendida enquanto um *movimento*, em função de um diagnóstico comum da conjuntura política brasileira como sendo o da crise e decadência do regime imperial, bem como da marginalização de seus membros relativamente à ocupação dos

---

<sup>18</sup> A “*Gazeta de Noticias*”. *O Apostolo*. Rio de Janeiro, 27 de fev. de 1885, p. 2. Utilizaremos esse modelo de citação para textos em periódicos, pois é suficiente e facilita a pesquisa na Hemeroteca Digital Brasileira: nome do autor ou assinatura quando houver, título da rubrica, periódico, local, data e página.

espaços políticos oficiais. Assim, eixos comuns orientavam os grupos de oposição: crítica ao regime monárquico e à concentração do poder público nas mãos de uma elite imperial regida pela lógica estamental, demanda pela abolição do sistema escravista (bandeira central dessa geração), pela laicização do Estado, pela própria República, por reformas políticas e educacionais, resultando tudo isso em um repertório político-intelectual partilhado. Ademais, o acesso estreito às formas oficiais de política e aos cargos públicos fez com que a geração de 1870 buscasse espaços alternativos para expressar e organizar suas demandas, como pequenas associações, eventos públicos e, seu principal púlpito, uma imprensa independente da coerção das instituições monárquicas:

A passagem de uma imprensa como veículo de crítica, individual ou partidária, endógena ao *status quo* imperial para outra independente, canal de manifestação de insatisfação coletiva contra seus fundamentos, foi consequência da nova estrutura de oportunidades políticas. A modernização dos processos de impressão dos anos 1870 barateara o custo dos jornais (Werneck Sodré, 1966), facilitando a diversificação gráfica e o crescimento das publicações.<sup>19</sup>

Essa imprensa, sobretudo a dos periódicos de maior circulação e menos compromissados com um grupo específico, caso da *Gazeta de Notícias*, também absorveu em suas redações parte dos membros letrados e sem espaço na política dessa geração. José do Patrocínio, por exemplo, notório jornalista, abolicionista e republicano, começou a atuar no jornalismo pela *Gazeta*, entre 1877 e 1881<sup>20</sup>.

Os periódicos do século XIX também respondem historicamente a um fazer jornalístico anterior à profissionalização e disciplinarização do jornalismo. Manuais de escrita jornalística, escolas superiores e mesmo sindicatos da área só foram surgir na França nas primeiras décadas do século XX. Até então, não havia instituições que funcionassem como um filtro homogeneizador das práticas de redação. Havia uma sobreposição de “campos profissionais”, sendo os periódicos majoritariamente escritos por homens de letras ou homens de política. Os jornalistas, em sua maioria e em especial os donos das redações, eram homens da esfera letrada cujos modelos de escrita eram sobretudo literários, o que é considerado por Thérenty um fator decisivo da chamada literarização da escrita dos diários<sup>21</sup>.

No caso do Brasil, além de literatos e políticos, boa parte dos jornalistas provinha, principalmente a partir dos anos 1870, de uma elite letrada de bacharéis (em medicina, direito,

---

<sup>19</sup> ALONSO, Angela. *Ideias em Movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, p. 277, 2002.

<sup>20</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 236, 1983.

<sup>21</sup> THÉRENTY, 2007, pp. 11-12.

engenharia), e em menor parte do funcionalismo público, alguns apesar do título, dedicaram-se ao jornalismo a exemplo de Ferreira de Araújo (1848-1900), bacharel em medicina, e Machado de Assis (1839-1908), que começou trabalhando como tipógrafo e, ao lado do jornalismo, manteve carreira de servidor do Estado<sup>22</sup>. Tais dados são de primeira ordem diante do interesse em estudar a feição textual dos jornais do século XIX.

O projeto editorial da *Gazeta de Notícias* a fez se destacar em relação a seus pares brasileiros – diários informativos, de médio porte, de venda avulsa e a preço acessível. Desde sua fundação, buscou praticar um jornalismo desvinculado de instituições<sup>23</sup>, como os partidos ou o próprio governo. Além dessa importante condição para uma relativa liberdade de orientação ideológica, a *Gazeta*, mesmo dentro da proposta de ser um diário de notícias, dava largo esteio à veiculação da produção literária de seu tempo, com nomes ilustres da literatura brasileira e portuguesa, extrapolando o espaço do folhetim. O pendor ao humorismo singulariza sua prática, sua poética, por isso, a *Gazeta* se vinculava à literatura não apenas ao tematizá-la e veiculá-la, mas também porque várias de suas colunas incorporavam técnicas de escrita vinculadas a tradições de textos humorísticos. O humor formava o ponto de vista da *Gazeta de Notícias*, a posição a partir da qual escrevia a realidade, a atualidade, os problemas políticos, o cotidiano, ou mesmo sua posição de contraponto às poéticas de seus pares, por vezes mais oficialista, engajada, polemista ou austera.

---

<sup>22</sup> O parâmetro anacrônico (de uma esfera social profissionalmente autônoma e disciplinarizada) com o qual observamos o jornalismo do século XIX não deve dar margem para encarar seus agentes como amadores: se, por um lado, a profissionalização só se estabelece no século XX, por outro lado, isso não significa que eles não fossem profissionais. O maior exemplo disso é, mais uma vez, Araújo, que, apesar de formado em medicina, dedicou a vida ao jornalismo e ao teatro, sendo sempre reclamado como um dos maiores jornalistas do Brasil.

<sup>23</sup> O *Diário do Rio de Janeiro*, por exemplo, pode ser citado como um jornal de grande circulação da primeira metade do século XIX. Na prática, funcionou como um órgão do partido liberal, como informam Lúcia Granja e Jefferson Cano (2008) na introdução à edição anotada de *Comentários da Semana*, primeira série de crônicas assinadas por Machado de Assis, publicada no *Diário*: “Decano da imprensa da corte, o *Diário do Rio de Janeiro* figurava em meados do século XIX como o mais longevo dos periódicos então em circulação, tendo seu primeiro número saído do prelo em 1º de junho de 1821 e só deixando de circular em 1859, reaparecendo no ano seguinte pelas mãos daquele grupo de redatores ligados ao Partido Liberal. Naquele momento, o ressurgimento do velho diário era mais um episódio de um processo de reorganização partidária que encerrava uma década rica em experiências políticas.” (CANO; GRANJA, 2008, p. 23). Já na década de 1880, por exemplo, o jornal *Diário do Brasil*, fundado em 1881, era lido como um órgão do Partido Conservador. A relação das folhas com os partidos foi tão marcante no século XIX, que o surgimento de um jornal como a *Gazeta* é recorrentemente lembrado como uma renovação em relação a esse fator: “Aparecia a *Gazeta de Notícias* em uma hora em que a função jornalística no Brasil era, antes de tudo, uma função dos partidos políticos. Havia, é certo, o *Jornal do Comércio*, já grave, já solene, já procurando colocar-se acima de facções e de tendências partidárias. Mas o *Jornal do Comércio* era um jornal sem contato com o grande público, e seu papel era antes o de um vasto arquivo de informações oficiais de toda ordem.” (LEÃO, 1950, p. 114), sobre essa referência, conferir nota 14.

Esse humorismo *sui generis* parece advir de uma política editorial mais flexível ao afloramento de um estilo autoral e pessoalizado. O prospecto de sua primeira edição<sup>24</sup> deixa entrever essa flexibilidade quando se lança ao público como um jornal de espírito moço, de “vinte e... tantos anos”, se contrapondo a um antagonista caracterizado como “sisudo velho”, dizendo preferir a boa fé à cautela, o oprimido ao opressor, o riso às lágrimas e concluindo sua apresentação justamente num tom pessoalizado: “A *Gazeta de Noticias* apresenta-se assim. Não é isto um programa, é um retrato. Não diz o folhetim o que nós pretendemos fazer, diz o que somos”. Tal verve deve-se muita à personalidade do jornalista Ferreira de Araújo<sup>25</sup>, um dos proprietários e fundadores da *Gazeta de Noticias*. Redator chefe do jornal, foi também o provável idealizador da rubrica objeto de nosso estudo, ao que tudo indica, lida por seus coetâneos como “artigo humorístico”.

Mais de dez anos depois daquele prospecto jovial, em uma bala de estalo publicada em 18 de dezembro de 1886, Araújo, por meio de seu conhecido pseudônimo, Lulu Sênior, respondeu ao reproche da folha católica, *O Apostolo*, sobre a tendência “a rir de tudo” do jornalismo da *Gazeta*, e, mais ainda, de suas “Balas de estalo”:

O *Apostolo* não quer que a imprensa seja alegre; quer uma imprensa urubu, uma imprensa missa de sétimo dia, uma imprensa sexta-feira de quaresma, sermão de lágrimas, bacalhau, luto fechado.

Mas, meu bom e reservado colega, generalizando esse regimen, nós acabávamos todos por parecer contigo – *quod Deus avertat* – e então é que o mundo se tornava de veras um vale de lágrimas. [...]

Não, meu colega, nós não aceitaremos a tua doutrina, mesmo porque nós não somos padres, somos homens e

*Mieux est de ris que de larmes écrire,  
Pour ce que rire est le propre de l'homme.*

E sabes quem disse isso? Foi um padre, um padre que Roma não canonizou, que não viveu nem morreu em cheiro de santidade, mas que tem curado mais almas com as gargalhadas que lhes tem provocado, do que todos os padres juntos com toda a sua teologia. Foi o bom Rabelais, padre e médico, diplomata e poeta, que viveu há três séculos e ainda não morreu, e não morrerá nunca, porque a sua obra é eterna.

E o que queres tu que a gente faça, se não rir, de tudo o que vemos todos os dias, a começar pelos espetáculos que nos dão os padres?<sup>26</sup>

Lulu Sênior não perdeu a oportunidade de responder do modo mais galhofeiro e combativo possível ao “reservado colega”. A citação de autoridade e ao mesmo tempo de filiação a François Rabelais (1494-1553) adverte sobre as referências culturais de Lulu Sênior,

---

<sup>24</sup> Lulu Sênior. Folhetim da *Gazeta de Noticias*. *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 2 de ago. 1875, p. 2.

<sup>25</sup> Além de Araújo, a *Gazeta* foi fundada, em agosto de 1875, por Elísio Mendes e Manuel Carneiro. O primeiro, no entanto, ficou especialmente lembrado como seu fundador e redator chefe. Na edição supracitada do suplemento *Autores e Livros*, Múcio Leão (1950, p. 114) dá notícias, por exemplo, de que Araújo, além de exercer a atividade de médico e de jornalista, escreveu uma série de peças de teatro, a maioria de comédias e dramas, além de muitos artigos sobre política e questões sociais.

<sup>26</sup> Lulu Sênior. Balas de estalo. *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 18 de dez. de 1886, p. 2.

suas preferências de abordagem da realidade, sua maneira de constituir posições críticas sobre as questões de seu tempo. Rabelais teria, segundo Mikhail Bakhtin<sup>27</sup>, prospectado formas, vocabulário e imagens de sua obra nas chamadas fontes populares, cujas formas cômicas e do riso demarcavam um contraponto à cultura oficial de sua época (de tom sério, religioso e feudal). Assim, Rabelais é até hoje conhecido por seu viés paródico, satírico e cômico-alegórico.

Sidney Chalhoub identificou essa mesma tendência humorística ao estudar a seção “Gazeta de Holanda” (1886-1888), publicada por Machado de Assis também na *Gazeta de Notícias*, em seguida ao encerramento de sua participação nas “Balas de estalo”. Para o historiador, a série “Gazeta de Holanda” devia muito de sua forma a uma tradição satírica da imprensa liberal carioca, que remetia há, no mínimo, três décadas, tempo de hegemonia das pautas da agenda conservadora nas decisões políticas, mesmo quando os liberais se encontravam no poder. Essa espécie de fonte reconhecida por Chalhoub permitiu-lhe chegar a algumas considerações importantes sobre o humor na obra machadiana e também na imprensa carioca do XIX:

Sem duvidar da hipótese de que muito do humor das *Memórias Póstumas* se deva às ditas influências inglesas, shandianas ou outras, não se deve subestimar a riqueza da inserção de Machado de Assis na imprensa do período, em especial quanto à tradição do humor crítico dos costumes políticos [...]. O interesse disso, está claro, é menos identificar influências outras na literatura de Machado, mas antes fazer aterrissar tais influências em interlocuções e conflitos históricos específicos.<sup>28</sup>

Analisando as abundantes referências humorísticas presentes na *Gazeta* seria possível, da mesma forma, propor a hipótese de que se devem à incorporação de técnicas e de autores de tradições humorísticas da literatura ocidental. O próprio Lélío<sup>29</sup>, pseudônimo de Machado de Assis, era uma referência ao personagem homônimo de Molière (1622-1673), que apareceu pela primeira vez na peça *Sganarelle ou le Cocu imaginaire*. Um personagem que, por sua vez, remonta a uma tradição de Lélios dos teatros populares satíricos. Contudo, a cisão entre um humor fruto de práticas locais e um humor relativo a um repertório ocidental é uma

---

<sup>27</sup> BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

<sup>28</sup> CHALHOUB, Sidney. A crônica Machadiana: problemas de interpretação, temas de pesquisa. *Remate de Males*, Campinas, v. 29, n. 2, p. 231-246, 2009, p. 232. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/1055/993>>. Acesso em: 14 de fev. de 2014.

<sup>29</sup> Sobre a origem do pseudônimo, ver seção V “A criação de Lélío” do capítulo I da tese de RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As máscaras de Lélío: ficção e realidade nas “Balas de estalo” de Machado de Assis*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000473160>>. Acesso em 13 de fev. de 2014.

dualidade que restringe visadas mais orgânicas do processo de escrita dos jornais. Na prática, existia uma dinâmica de apropriação de referências e procedimentos, locais ou não, sensíveis a valores sociais, esses sim, assentados local e temporalmente. Como veremos a seguir, a seção “Balas de estalo” se efetiva nessa lógica.

## II. Receita para balas: do confeito ao jornal.

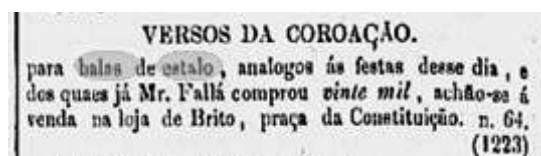
Por trás do curioso título da seção – “Balas de estalo” – é possível tanger uma pequena história, a qual faz vir à tona uma série de valores e práticas que lhe subjazem. São vestígios do enraizamento das “Balas de estalo” da *Gazeta de Noticias* em um sistema maior de interlocução da imprensa brasileira do século XIX.

Com isso, torna-se mais claro o entendimento da dinâmica das “poéticas dos jornais” – nos termos de Thérenty –, ou sobre como as seções de um jornal podem ser lidas para além de uma unidade fechado ou centralizada no autor que as assina, para se mostrarem partes constituintes e constitutivas, às vezes solidárias, às vezes contraditoras, de projetos editoriais que inscrevem racionalidades e possibilidades para o dizer. Se, em um nível, se pode abordar as rubricas como um sistema de relações, funções e valores imanentes ao jornal, logo se nota que tudo isso se ramifica em um sistema mais amplo de interlocução no âmbito da imprensa. Esses sistemas são simultâneos e sobrepostos, deixem entrever lógicas de organização do jornal e circulação de valores atribuídos às práticas de escrita.

Da primeira à segunda metade do século XIX, anúncios de jornais e menções em revistas denotam que “bala de estalo” era, literalmente, um confeito. A bala tinha por invólucro um papel impresso com versos, geralmente em quadrinhas vazadas em redondilhas maiores no esquema ABAB. O conteúdo dos versinhos era bastante variado, porém se vinculava à “função social” da guloseima típica de ocasiões festivas. Os versos prediziam a sorte ou mofavam de seu leitor, faziam referências alegres ao festejado do dia, contavam uma anedota. Em resumo, traziam todo tipo de conteúdo ligado ao festejo, ao riso, à comicidade. Abaixo, selecionamos alguns anúncios de venda de balas de estalo para ocasiões festivas:



*Diario do Rio de Janeiro*, 26/03/1847, p.4.



*O Despertador*, 12/06/1841, p.4.

**VERSOS PARA BALAS DE ESTALO.**  
 Vendem-se na praça da Constituição ns. 78, 44 e 54; n'esta ultima casa tambem ha canticos lyricos, 2 vols. 377 rs.; Trez dias de um Noivado, 277 rs.; Intrigas de um Jezuita, 377 rs.; Filho do Pescador; 477 rs.

*Diario do Rio de Janeiro, 19/12/1850, p.4*

**BALAS DE ESTALO COM SORTES,**  
 PARA AS NOITES DE SANTO ANTONIO, S. JOAÕ E S. PEDRO.  
 Vendem-se na confeitaria de Leão, rua de Ouvidor n. 30.  
 (1582)

*O Despertador, 04/06/1841, p.4*

Além desse tipo, há anúncios de balas de estalo mais completos, como os que seguem abaixo. Trata-se de versos produzidos pela casa E. e H. Laemmert, em fins de 1850, que passaram por uma sensível moralização (“um jardim” onde as senhoras poderiam colher quadrinhas de bala de estalo sem ruborizar com versos desabusados). A autoria do “ramalhete poético” é de uma mulher, versejadora de mão cheia. Além disso, 680 quadrinhas rimadas custavam 800 réis, em média menos de 2 réis por quadrinha, dando a dimensão de seu baixíssimo custo – à época, o valor de um livro oscilava entre 2 mil e 16 mil réis (para esse preço, ver os anúncios, por exemplo, do *Diario do Rio de Janeiro* de 24/12/1847).

Em casa de E. e H. Laemmert se publicou e se achia á venda:

**RAMALHETE POETICO**  
 ou collecção de 680 quadrinhas rimadas, proprias para enfeitar balas de estalo para bailes, casamentos, annos e baptisados, e tambem para serem bordados em lenços, arrançados por Constanca Oliva de Lima. Um caderno 800 rs. — (Para confeitarias em porções se vende mais em conta.)

A presente collecção está distribuida por modo tal, que os Srs. confeitheiros não tem mais que cortar as quadrinhas convenientes e envolver os doces com ellas. — A autora já muito conhecida pelos seus escriptos em verso, teve só em vista, na composição desta collecção, misturar o util com o agradável, a moralidade com os conceitos, em que é rica, e por isso acharão tambem as senhoras um fl rido jardim onde colham lindas quadrinhas, para serem transplantadas, por meio da agulha, para lenços, que tenham de servir para presentes, etc.

*Correio da Tarde, 02/09/1857, p. 4.*

**PARA CONFEITARIAS'**  
 Em casa de E. e H. Laemmert se achia á venda;  
**680 quadrinhas rimadas.**  
 proprias para balas de estalo; para bailes, casamentos, annos e baptisados, e tambem para serem bordadas em lenços. Preço. . . . . 800 rs.

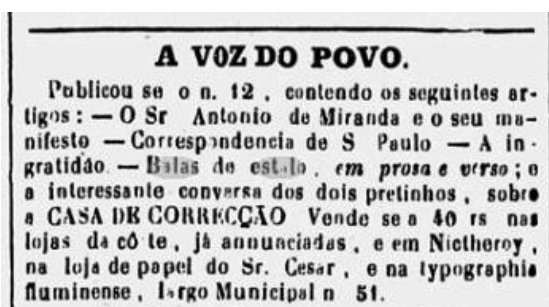
Estas quadrinhas compostas com muita graça e perfeitamente adequadas ás occasiões, se distinguem vantajosamente de tantas outras que se costumam encontrar nas balas, e cuja insipidez é quasi proverbial São impressas em papel de côr de modo a se poder cortar-as facilmente para uso das confeitarias.

*Correio da Tarde, 20/02/1856, p. 4.*

Mais de vinte anos depois, a mesma tipografa dos Laemmert irá imprimir a *Gazetinha dos Sabbados*, “folha ilustradíssima com versinhos amenos para desfastio”, toda ela vertida



em balas de estalo. À época, seu lançamento foi noticiado por *O Apostolo* nos seguintes termos: “Intitula-se *Gazetinha dos Sabbados*, e n’uns versos de balas de estalo, tentam os seus trovadores lançar o ridículo muito *especialmente* sobre o culto católico”<sup>30</sup>. O sentido de balas de estalo empregado no trecho é depreciativo, remetendo aos confeitos de festa enquanto artigo barato e frívolo. Tais valores são, porém, evocados justamente quando os versos de balas de estalo já haviam extrapolado o confeito e galgado lugar nas folhas, como parte do espaço humorístico e de “recreio”, ou mesmo como estrutura básica formal.



*Diario do Rio de Janeiro*, 24/12/1847, p.4

Acima, temos já em 1847 um anúncio de “Balas de estalo”, não como invólucro do confeito, mas como texto da folha *A voz do povo*. Assim, o termo balas de estalo referia igualmente uma mercadoria, o confeito das ocasiões festivas, e um gênero do discurso, reconhecido pelas quadrinhas rimadas, pelos efeitos humorísticos, pela circulação associada ao popular. Essa passagem de invólucro do doce à página dos periódicos, somou às origens dos versos camadas de valores específicos dos novos contextos de consumo. Por exemplo, balas de estalo foram empregadas nas seções de “recreio” dos jornais, como na “Pacotilha” do *Correio Mercantil* (conferir edições do ano 1852), ao mesmo tempo em que davam cancha à sátira política.

No nº 160 da *Semana Illustrada*, de 1863, folha humorística cujo lema era “*Ridendo castigat mores*”, foram publicadas quatro páginas de balas de estalo sob o título “Versos para balas de estalo parlamentares e mundanos”<sup>31</sup>. Como sugerido pelo lema moral da folha e pelo título de sua seção, as balas ali publicadas respondiam à função de fazer a sátira política, veja-se um exemplo:

*Aos senadores*

Aos senadores desejo

<sup>30</sup> Seção Noticiosa. *O Apostolo*. Rio de Janeiro, 26 de abr. de 1876, p. 3.

<sup>31</sup> Devo este achado a meu colega de pesquisa Rodrigo Dias.

Muito mais atividade,  
Pouca doença e mais força,  
Menos sono e mais vontade.

De modo que nunca tenham  
Faltas de dias e dias...  
Isso é bom para os rapazes  
Que cursam academias.<sup>32</sup>

Na imprensa gaúcha, já no final do século XIX, João Simões Lopes Neto também fez suas “Balas de estalo” (1888-1890). Eram em versos e foram publicadas no jornal *A Pátria*, da cidade de Pelotas, sendo reunidas em livro, salvo engano, apenas um século depois<sup>33</sup>. Chamamos atenção, enfim, para alguns exemplos, mas certamente uma pesquisa detida sobre isso encontraria uma profusão de outras balas de estalo pelas folhas do século XIX.

Se em 1880 atacássemos Ferreira de Araújo ou Machado de Assis na Rua do Ouvidor, nº 70, e perguntássemos: você é capaz de fazer balas de estalo com o mote da inaptidão das autoridades em lidar com a epidemia de febre amarela? Certamente, incitados os espíritos galhofeiros e versejadores de ambos, eles nos dariam quadrinhas rimadas e satíricas numa tirinha de papel. Mas, se, apenas três anos depois, fizéssemos a mesma pergunta, seria mais provável que Lélío ou Lulu Sênior assinassem uma “Bala de estalo” na página dois da *Gazeta de Notícias*, em prosa satírica e galhofeira, dando um comentário crítico à inaptidão das autoridades em lidar com a epidemia de febre amarela – se não algo mais inventivo. A seção “Balas de estalo” do diário carioca atualiza o sentido de fazer uma bala de estalo, no contexto da imprensa de fins do XIX, ao mesmo tempo em que se vale de sua herança.

Uma breve pesquisa pelo ano de 1883 mostra que o vínculo com as balas em verso das folhas satíricas se sobrepunha à prática da nova seção da *Gazeta de Notícias*. Em 05 de agosto, para homenagear o festejado do dia, o jornalista aniversariante Henrique Carlos da Rocha Lima, nada pareceu mais adequado do que versos de balas de estalo, dados, claro, dentro da própria seção “Balas de estalo”. Vários pseudônimos assinaram quadrinhas parabenizando seu colega, com um tom bastante despachado e galhofeiro: “Por que é ateu o Henrique?/ Falta à igreja por preguiça?/ Ou por seguir o ditado:/ Careca não vai à missa?”<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Versos para Balas de Estalo parlamentares e mundanos. *Semana Ilustrada*, n. 160, Rio de Janeiro, 3 de jan. de 1863, sem página. Para a pesquisa na Hemeroteca Digital Brasileira procurar por “Semana Ilustrada” com apenas um ‘l’, na pasta do ano de 1864, edição 160.

<sup>33</sup> MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de J. Simões Lopes Neto 1ª vol.* Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

<sup>34</sup> Zig-Zag. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 de ago. de 1883, p.2.

ou ainda: “Atirei um limão doce/ Na cabeça de meus manos;/ Saiu este som sublime:/ «Parabéns a quem faz anos!»<sup>35</sup>.

O provável pseudônimo de Dermeval da Fonseca, Décio<sup>36</sup>, foi o que mais mobilizou a referência aos confeitos. Em 28 de abril, assinou em “Balas” uma descrição amena da intimidade do conselheiro Franklin Dória com uma sequência de versos de balas de estalo: “Depois de descrever os gabinetes/ Do belo conselheiro;/ Passo à descrição, também feliz,/ Do resto dessa casa, onde o nariz/ Mete a musa, ligeiro”. Décio diz apenas aproveitar um presente fortuito trazido pelo acaso: “Cabia-me o dia, e o encargo de enrolar as balas. Procurei papel e encontrei, mais do que papel: as balas já feitas e enroladas”<sup>37</sup>. Em 23 de julho, ele fará das balas de estalo uma metáfora estrutural de seu texto: “Isto hoje é um pequeno rosário de balas; d’esses que se vendem às portas dos teatros, contendo apenas quatro balas, pequenas como o Sr. Maciel, chochas como um aparte do Sr. Felício dos Santos, e insignificantes como as odes do poeta [...]”<sup>38</sup>. Em seguida enumera quatro situações que considera dignas do ridículo, cada qual uma bala. A metáfora da bala simboliza a prática da seção da *Gazeta* como sendo a de apontar o ridículo na vida da Corte, conferir a dignidade de bala de estalo a certas situações. Caso exemplar será a bala analisada adiante na seção VI deste trabalho, Décio se utilizará novamente de versos de balas de estalo, porém dispostos em prosa, desta vez para satirizar e ao mesmo tempo parodiar a Fala do Trono.

---

<sup>35</sup> Lélío. Balas de estalo. *Gazeta de Noticias*. Rio de Janeiro, 5 de ago. de 1883, p.2.

<sup>36</sup> O autor empírico por trás de cada pseudônimo é uma questão à parte das “Balas de Estalo”. Ainda há dúvidas sobre algumas identidades, para outras sequer há sugestões de quem tenha sido seu autor. Fontes diversas apontam alguns nomes, como há divergências, partimos do seguinte esquema: fonte 1) a bala de estalo de Décio de 01/01/1884, em que há uma retrospectiva dos principais sucessos da seção em 1883, comentados em relação ao que fez cada pseudônimo, dando pistas sobre autor empírico; fonte 2) uma suposta carta de Lulu Sênior publicada na seção “Memorandum” do *Corsario*, em 25/09/1883, revelando os nomes por trás dos pseudônimos; fonte 3) o dossiê da *Autores e Livros* sobre Ferreira de Araújo (Cf. nota 14); fonte 4) a orelha e prefácio do livro *Crônicas de Lélío*, organizado por R. Magalhães Jr; fonte 5) a introdução do livro *Balas de Estalo de Machado de Assis*, de Paiva de Luca; fonte 6) a monografia de Ana Flávia Cernic Ramos [2002?]. Sobre alguns nomes há consenso em todas as fontes: Lulu Sênior era Ferreira de Araújo, Mercutio e Blick eram Capistrano de Abreu, Zig-Zag era Henrique Chaves, Lélío era Machado de Assis, José do Egito era Valentim Magalhães. Publicola e Décio seriam Dermeval da Fonseca para as fontes 2, 4, 5 e 6, porém a fonte 5 faz a ressalva de que Décio poderia ser Affonso Montauray. As fontes 2, 4 e 5 mencionam Francisco Ramos Paz como sendo João Tesourinha, porém a fonte 6 considera que Henrique Chaves pudesse ser o autor desse pseudônimo bem como de João Bigode. Apenas a fonte 3 refere um autor para Ly, que seria Manuel da Rocha. A fonte 4 refere ainda a participação na série de Ramiz Galvão, porém sem mencionar um possível pseudônimo, assim como Carlos de Laet, sugerido como Carolus. Confúcio e Farina permanecem sem autoria atribuída, além de outros, que apareceram apenas uma ou duas vezes.

<sup>37</sup> Décio. Balas de estalo. *Gazeta de Noticias*. Rio de Janeiro, 28 de abr. de 1883, p. 2.

<sup>38</sup> Décio. Balas de estalo. *Gazeta de Noticias*. Rio de Janeiro, 23 de jun. de 1883, p. 2.

O ímpeto satírico aponta uma relativa e importante possibilidade de opinião independente, além de um quê moralizante como missão para o jornalismo praticado nessa rubrica. Além disso, as “Balas” estão associadas ainda ao espaço de recreio, de amenidades, da leitura de desfastio que seduz um público popular e vende mais jornais. Para o bem ou para o mal, trata-se do espólio legado pelas balas de estalo às “Balas de estalo”.

### III. Um empregado que exorbita de sua função – Machado de Assis?

No âmbito em que as “Balas de estalo” se reportam a um gênero satírico da imprensa brasileira, com origem, por sua vez, num artigo de consumo festivo associado ao popular, a participação de Machado de Assis na seção suscita algumas questões.

Já no final da década de 1870, Machado detinha o prestígio de ser considerado um dos mais importantes literatos brasileiros. Sua consagração estava consumada entre 1879 e 1880, quando o autor colaborou para a *Revista Brasileira*, periódico reavivado por uma elite intelectual cujo intento era reunir “o que de melhor se produzisse no Brasil, em termos de ciências e artes”. Como parte desse rol, Machado produziu alguns trabalhos, incluindo as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Também em meados da década de 1880, a *Gazeta de Notícias* já tinha afirmada sua credibilidade. A entrada de Machado no jornal diário se configuraria, pois, como relação de reciprocidade nas trocas de valores simbólicos. De início, publicava contos<sup>39</sup> em espaços da primeira página, primeiramente no “Folhetim”, e em seguida nas colunas da direita, recorrentemente destinadas à literatura.

Para além de valores simbólicos traduzidos em termos como: importante literato, exemplo de excelência intelectual brasileira, um dos mais distintos escritores, o interesse em ter Machado de Assis no time dos baleiros podia passar ainda por outro signo de reconhecimento. Ele vinha demonstrando, em suas últimas séries de crônicas (sobretudo “Histórias de Quinze Dias” e “Notas Semanais”), nas “Fantasias” publicadas no *Cruzeiro*, bem como em seu último romance (em que se reconhece uma impressionante viravolta estética), uma guinada consistente para o uso do humor. Trata-se, em especial, do conluio entre humor e ironia, fonte de efeitos estéticos e de dispositivos para a construção de uma visão crítica da realidade brasileira. Em consonância com uma tendência maior da *Gazeta de*

---

<sup>39</sup> A soma dos contos de Machado de Assis publicados na *Gazeta* passa de 54 títulos, com 45 deles recolhidos em livro. As coletâneas *Papéis Avulsos*, *Histórias sem Data*, *Várias Histórias* e *Páginas Recolhidas* são formadas na quase totalidade por contos publicados na *Gazeta*. Este foi um dos periódicos para o qual Machado mais produziu e por um período de praticamente 20 anos. Publicou também entre as décadas de 1880 e 1890 as seguintes seções: “Balas de Estalo” (1883-1886), a primeira de que fez parte, seguida por “A+B” (1886), “Gazeta de Holanda” (1886-1888), “BONS DIAS!” (1888-1889) e “A semana” (1892-1897).

*Noticias* e ligada à herança dos versos de balas de estalo, pode-se imaginar que Machado de Assis tenha acolhido uma proposta dessa ordem ao ingressar para as “Balas de estalo”: colaborar com a constituição de um espaço dedicado à crítica do cotidiano social *a partir* de uma estética de humor, do flerte com a posição do satirista, da mobilização de técnicas textuais para constituir efeitos humorísticos – tudo muito familiar ao escritor.

Ainda assim a presença de Machado não necessariamente significou um aumento na cotação das “Balas de estalo” – menos ainda, talvez, para o próprio escritor. De um lado, já vimos os reproches de uma folha conservadora como *O Apostolo*. De outro lado, uma folha menos sisuda e bem mais polemista, o *Corsario*<sup>40</sup>, também remarcou críticas às “Balas de estalo”. Elas recaem mormente sobre dois aspectos: pelas balas serem encaradas como uma forma rebaixada de fazer crítica, ligada ao passado dos versos comezinhos dos confeitos, e por serem consideradas uma estratégia de aumentar vendas<sup>41</sup>. Tanto *O Apostolo* quanto o *Corsario* acusaram Ferreira de Araújo de criar as “Balas” para funcionarem como um “chamariz”<sup>42</sup> de leitores. Nesse sentido, foram lidas como espaço de entretenimento nada ingenuo da *Gazeta de Noticias*.

Nos termos de certa crítica do *Corsario*, distingue-se o reconhecimento (não exatamente positivo) de Machado de Assis enquanto um figurão da literatura brasileira, e, ao mesmo tempo, a dissonância entre esse valor e sua participação numa seção coletiva dedicada “à baixaria” – ou em termos mais leves, a um modo patusco de fazer crítica e criar polêmicas:

Ora o Machado de Assis!  
Quem havia de dizer que o discípulo de Paula Brito desse para escrever *balas de estalo*?  
Ele, o Machado, calemburista autor da *Mão e a luva*, dos *Contos Fluminenses*, da *Iaiá Garcia*, das *Americanas* e de outras obras de igual jaez, em prosa e verso, é o *Lélio* das *Balas de estalo*, produtos do ventre do Araújo, ex-padeiro da rua Sete de Setembro!

---

<sup>40</sup> A respeito do *Corsario*, a página da Hemeroteca Digital Brasileira oferece um texto de apresentação bastante informativo, do qual reproduzimos o seguinte trecho: “Tratava-se de um dos muitos pasquins – aqueles pequenos jornais de pouquíssimas páginas surgidos no Primeiro Reinado, circulação efêmera, linguagem agressiva e primando por ataques pessoais, muitas vezes, sem identificar o proprietário – ainda em circulação no final do século XIX. Segundo Nelson Werneck Sodré, um dos primeiros a tipificar essa imprensa, O Corsário não passava de um “repositório de escândalos” e, por isso, seu editor, Apulco [sic] de Castro, acabaria pagando com a vida. Não poupava ninguém, desqualificando desde prostitutas e seus cafetões até o imperador Pedro II e seus ministros.” Disponível em <<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/corsario-periodico-critico-satyrico-e-litterario>>. Acesso em 20 fev. 2014.

<sup>41</sup> O *Corsario* fez várias acusações ao suposto interesse escuso de Ferreira de Araújo em fazer jornalismo para ganhar dinheiro, a mais eschachada ficou nos versinhos: “O Lulú Senior/ Da Gazeta.../ Peta/ Faz balas de estalo/ Por regalo/ Da gaveta” (Chopinianas. *Corsario*. Rio de Janeiro, 4 de out. de 1883, p. 3).

<sup>42</sup> Expressão usada por *O Apostolo* para se referir às “Balas de Estalo” em artigo que abre a primeira coluna da edição de 15 de julho de 1883, intitulado “A ‘Gazeta de Noticias’ e suas balas”, p1.

O Machado amante da Inez Gomes, enamorado de Ismenia dos Santos e de outras atrizes referidas no mesmo método<sup>43</sup>; oficial da secretaria da agricultura, ex-oficial de gabinete de um ex-ministro, escrever *balas de estalo*!

Ora, o Machado de Assis!

Sr. Ministro da agricultura, V. Ex. deve demitir o Machado porque este empregado exorbita de sua posição. Este empregado público desmoraliza-o, desmoraliza o governo de que V. Ex. faz parte, escrevendo *balas de estalo*.<sup>44</sup>

Vê-se claramente o apelo do termo “balas de estalo” à referência dos itens de confeitaria e das folhas satíricas para deleite e desfastio. Chama a atenção que o *Corsário* tenha destacado justamente as obras de Machado que “se levam a sério”, em que o humor quase inexistente. Com essa imagem do autor em conta, sua participação nas “Balas de estalo” deve ter no mínimo chamado a atenção dos leitores à época de sua publicação<sup>45</sup>. Sem uma dimensão mais aproximada do que significou a seção em seu tempo, as “Balas de estalo” escritas por Machado figuram como mais uma série de crônicas que o autor escreveu na maturidade. Porém sua participação ganha outro matiz quando pesa o fato de que ele, um autor já consagrado, aceitou colaborar em um projeto de escrita coletiva, com propósitos tão engajados nos problemas da atualidade, de confrontamentos públicos e diretos, por vezes desabusados, numa ambivalência entre sátira política e divertimento do leitor. A presença de Machado nos permite dar relevo, mesmo desapassivar, os valores em disputa em torno da seção e do fazer jornalístico – afinal Machado e seus colegas estavam autorizados a desmoralizar os outros ou era a prática de balas de estalo que podia desmoralizá-los?

Apesar da celebridade de Machado, as “Balas de estalo” foram, nos anos de sua publicação, recorrentemente associadas à criatividade de Ferreira de Araújo (“produtos do ventre do Araújo”); porém, hoje, se acaso ocorresse a alguém mencionar a série, há grande probabilidade de que se esteja referindo a Machado de Assis<sup>46</sup>, pois de fato, se ela passou à

---

<sup>43</sup> Aqui, evidencia-se uma depreciação da figura de Machado de Assis, a qual se confirma em outro trecho da seção. Nele, há uma acusação a Machado, nas entrelinhas, de arrivismo social e de não ter uma posição legítima para fazer críticas sarcásticas aos outros, pois sua trajetória e posição social seriam frágeis e facilmente criticáveis: “Tauney, por exemplo, é rico, é deputado, é bonito, é aspirante a ministro, é protegido pelo monarca, de quem o Tauney Senior foi mestre./ Este sim, pode escrever *balas de estalo*, sem medo; mas o Machado de Assis, oficial de secretaria, é expor-se a muito!”.

<sup>44</sup> Chopinianas. *Corsario*. Rio de Janeiro, 25 de set. de 1883, p. 3.

<sup>45</sup> Ao final do primeiro ano da série, já era sabido de todos que Lélío vinha da pena de Machado de Assis.

<sup>46</sup> Em 1887, a *Gazeta de Noticias* publicou um volume em livro com uma seleção de “Balas de estalo” de Lulu Sênior e uma compilação da polêmica entre ele e Zig-Zag. À exceção dessa edição, obscura aos pesquisadores, e à exceção das balas de Machado de Assis, as demais permanecem sem edição em livro. Raimundo Magalhães Júnior (1958) coligiu em *Crônicas de Lélío* grande parte das balas de Machado, todavia com algumas faltas e notas vagamente informativas. Após essa edição, as balas entraram para o tomo das crônicas nas obras completas do autor. Heloisa Helena Paiva de Luca (1998) reeditou as balas de Machado, dessa vez recuperando todas, porém sem ultrapassar o trabalho de Magalhães Júnior no que concerne ao

posteridade, isso se deve à participação do célebre escritor. Estudar as “Balas de estalo” no jornal tem transformado o horizonte de entendimento das balas do próprio Machado de Assis, e tem aberto possibilidades de pesquisa a respeito da série como um todo<sup>47</sup>. Nesse sentido, algumas considerações se tornaram incontornáveis: que apesar de suas balas aparecerem isoladas nos livros, em verdade, faziam parte de uma série coletiva, que chegou a contar quinze diferentes assinaturas criadas por pelo menos seis autores reais distintos; que, entre eles, Machado foi “apenas” mais um dos colaboradores; que, portanto, compartilhavam um mesmo espaço quase diário na *Gazeta de Notícias*, um programa de escrita com protocolos subjacentes à sua produção. Isso reinsere Machado num contexto singular de produção, em que muito do que configurou sua escrita, não é fruto exato de seu “gênio”, mas sim de um projeto coletivo ao qual dedicou trabalho.

A rubrica “Balas de estalo” propicia a pesquisa de práticas e valores em jogo na produção de alguns gêneros jornalísticos demarcados naquele contexto. Como discutiremos a seguir, ainda que as “Balas de estalo” sejam, de modo genérico, chamadas de crônicas – possivelmente por força da classificação dada quando da passagem das balas de Machado para o suporte livro –, e ainda que haja homologias entre seus ademanos e aqueles atribuídas ao fazer cronístico, as “Balas” possuíram, segundo nossa hipótese, função e protocolos de escrita mais específicos do que os esperados para a crônica em seu contexto histórico e editorial. Sua função enquanto rubrica da *Gazeta de Notícias* e seus protocolos de escrita ultrapassam o limiar da crônica, tendo em vista suas estratégias, projeto de escrita e lugar que ocuparam em uma poética editorial específica.

---

esmero com a edição. Ou seja, o histórico das “Balas de estalo” em livro revela o quanto foram lembradas a partir de Machado de Assis e o quanto, talvez, demandam ser pensadas em sua circulação no jornal.

<sup>47</sup> O histórico de estudos sobre as “Balas de estalo”, como viemos reforçando até aqui, vincula-se ao interesse nos textos de Machado de Assis. Até bem recentemente, suas balas não eram tomadas como parte de um projeto coletivo e coeso, mas como fontes avulsas e coadjuvantes em estudos acerca das posições políticas do autor, a exemplo do ensaio de Alfredo Bosi (2006) *O teatro político nas crônicas de Machado de Assis*. Ana Flávia Cernic Ramos (2010; 2005; 2002?) foi a primeira e, salvo engano, a única até os anos 2000, a situar os textos de “Balas” a partir do caráter coletivo de sua produção e integradas ao jornal. Todavia, depois de pesquisar o primeiro ano de publicação das “Balas de Estalo” levando em conta os vários colaboradores, Machado de Assis voltou a assumir o centro de interesse de suas interrogações. William Moreno Boenavides (2012; 2013), em dissertação de mestrado e em artigo, apesar de considerar o contexto de publicação das “Balas”, sua natureza coletiva, procedeu estudo voltado também para as balas de Machado, estudando seus temas políticos e a relação entre esses e o estilo machadiano. Sua hipótese é a de que a cordialidade, nos termos de Sérgio Buarque de Holanda, seria um traço fundamental da perspectiva das balas do autor, convergindo, assim, “características da sociedade brasileira” com a “forma do gênero crônica”.



#### IV. Atualizações da receita pela confeitaria diária da *Gazeta*

Agora que tomamos conhecimento da herança até então ignorada que os versos de confeito e as folhas brasileiras legaram às “Balas de estalo” da *Gazeta de Notícias*, propomos a discussão sobre por que meios essa rubrica atualizou, desde seu contexto editorial e político, a maneira e o sentido de se fazer balas de estalo.

Parte dessa atualização da receita das balas envolveu apropriações das prosaicas práticas de escrita da crônica. Como se ela fosse um requisito do jornal diário no século XIX<sup>48</sup>, a *Gazeta de Notícias* destinou espaço à crônica desde as primeiras edições. De 1875 (ano I) até 1879, logo na primeira coluna da página 1, dispunha-se com relativa frequência a seção “Assuntos do dia”, espécie de crônica, sem assinatura, responsável por assuntar o que repercutia na imprensa e no cotidiano da Corte. Em 1879, no rodapé da primeira página, o “Folhetim”, apareceu a “Crônica”, alternando esse espaço com romances e artigos de fundo. Então, entre 1879 e 1880, coexistiram a “Crônica”, no folhetim, e o “Assuntos do dia”; porém em 1881, indicando a redundância entre as duas rubricas, apenas a “Crônica” passou a ser publicada, sempre aos domingos. Mas foi também extinta, por sua vez, em 29 de outubro de 1882, para dar lugar à “Crônica da semana”, rubrica realocada no destaque da primeira coluna, desde o alto da página 1, possível índice do quanto o gênero interessava ao público. A partir daí, a “Crônica da semana” integrou a *Gazeta* por praticamente uma década, até o ano de 1892, quando então Machado de Assis vem a substituí-la com a série “A Semana” (1892-1897).

Esse pequeno histórico aponta a crônica como um dos gêneros mais constantes da *Gazeta de Notícias*, ao lado do romance-folhetim e dos anúncios. Assim, era parte estruturante daquele fazer jornalístico, desde o modo de organizar sua abordagem do mundo

---

<sup>48</sup> Nos *quotidiens* franceses, também se verifica a persistência do gênero, sendo possível traçar uma história de suas práticas ao longo de todo o XIX. Em várias ocasiões, a feição das crônicas encontradas nos diários franceses é bastante próxima a dos jornais brasileiros. Ao longo do século, as funções da crônica iam da generalização à especificidade do sentido de seu texto nos jornais, ora com alargamento dos limites de expectativa de leitura, ora com estreitamento, ora tendendo ao viés objetivo e informativo, ora tendendo à subjetivação e ao entretenimento dos leitores. Sobre este panorama das *chroniques*, conferir THÉRENTY, 2007, pp.235-269.

até o modo de dispor suas colunas. Da perspectiva do leitor, a crônica era um hábito internalizado de leitura do diário. Os procedimentos mais característicos da rubrica “Crônica da semana” ficam visíveis em alguns exemplos:

Relendo agora as notas da semana, no interesse de consultá-las e delas extrair o material suficiente para a fabricação da *Crônica*, reconhecemos com um despeito semelhante ao de uma municipalidade suspensa, que pouco, muito pouco, nos ofereciam as tais notas, ao acaso tomadas dia a dia. [...]

Os leitores não poderão avaliar da má caligrafia, mas seguramente estarão habilitados a julgar da sua incoordenação, passando os olhos sobre *isto*, que temos em mão, e a que encima o pomposo título de notas da semana;<sup>49</sup>

Pela ausência de assinatura, o que era expresso na crônica podia ser assimilado como opinião do diário. Porém, ela era escrita em primeira pessoa, elaborada segundo o crivo de um jornalista<sup>50</sup> a partir de notas amealhadas ao longo da semana. Amiúde, os primeiros parágrafos das “Crônicas” referiam os bastidores de sua produção. Como tarefa de primeira ordem assoma destacar e comentar acontecimentos, notícias, polêmicas da imprensa e das esferas sociais, sobretudo políticas, assemelhando-se a uma resenha hebdomadária de fatos. Somadas as notas, acumulava-se a matéria-bruta para a coluna. Contudo, apanhadas segundo critérios um tanto arbitrários como “destaque” e “relevância”, tais notas, quando reunidas, proporcionavam pouca unidade temática ou argumentativa ao texto (ao contrário do que se vê nos artigos de fundo, por exemplo), resultando em uma costura de esforços para produzir relações entre temas dispersos – a famigerada “arte das transições” –, por isso, até graficamente a separação por asteriscos em subseções é sua marca textual de praxe.

A comparação entre o despeito do cronista e o de uma municipalidade suspensa é exemplar do tom nada sisudo e de humor recorrente nas “Crônicas da semana”. Reconhece-se nisso o colorido próprio de redação da *Gazeta*, o qual anima rubricas como as “Balas de estalo”, de sorte que o estilo do cronista harmoniza e compõe parte importante do viés editorial. No plano dos efeitos de linguagem, há ainda certa coloquialidade e modéstia, para cativar a simpatia do leitor, por meio de concessões como “Os leitores não poderão avaliar da má caligrafia, mas seguramente estarão habilitados a julgar da sua incoordenação”. A linguagem da crônica aproxima, colocando o leitor na posição daquele que julga a qualidade de um produto. O efeito de objetividade, em parte, fica suspenso, posto que o cronista marque

---

<sup>49</sup> Crônica da semana. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 de dez. de 1883, p.1.

<sup>50</sup> Possivelmente a maioria das “Crônicas da semana” foi escrita por Dermeval da Fonseca, o Décio das “Balas de estalo”. Em relação a essa atribuição de autoria, conferir: *Jornais e jornalistas – A Gazeta de Notícias. A Ilustração*. Paris, 20 de mai. de 1886, p. 86.

a si e seu interlocutor no texto, beirando a palestra, a conversação. Em outra crônica, demarca-se o âmbito da produção do jornal:

À administração da *Gazeta de Noticias*

“Acabo de rever cuidadosamente, pacientemente, minuciosamente, todos os jornais da semana. E confesso-o, com a maior franqueza e muito maior desgosto: não encontrei assunto *cronicável*. A minha carteira de notas consultada aponta a mesma aridez e pobreza. [...] Uma frase resume em si todo o embaraço de minha situação: a nossa capital atravessa uma crise, e não oferece por isso um só fato notável, ou o mais simples acontecimento, digno de ser registrado numa crônica da semana.<sup>51</sup>”

Sem deixar de considerar certo matiz irônico desse trecho, enfatizamos a representação da prática de leitura de “todos os jornais da semana” para dar a crônica, o que de outro modo se verifica na torrente de citações a jornais e revistas coetâneos. Trata-se de um hábito da imprensa da época que ultrapassa as especialidades jornalísticas da *Gazeta de Noticias*, sendo praticado desde os grandes diários às pequenas folhas – e não por nada, presumido por Cernic Ramos como uma das tarefas das “Balas de estalo”: “ler o jornal para o leitor”. Assim, realizava-se a prática comum de leitura e debate do cotidiano<sup>52</sup> nos termos dos próprios agentes da imprensa (não raro englobando os jornais das províncias). Aqui se exemplifica novamente nossa consideração de que, se podemos encarar as seções do jornal como parte da dinâmica de um sistema interno de valores que delimita a função de suas rubricas, esse mesmo sistema traduz em si os ecos de um sistema mais amplo de interlocuções, o qual também é constitutivo das seções.

Frisando o tom daquele início de crônica, pode-se considerar certo exagero: penoso é o esmerilhar da imprensa à cata dos debates fundamentais sobre os destinos da sociedade, nada acontece, o Rio de Janeiro está em crise. O adjetivo “cronicável” e a asseveração de não haver acontecimento “digno de ser registrado numa crônica” indicam que a posição do cronista não estava exatamente ao *rés do chão* – como diria Antonio Candido: “a sua perspectiva [do cronista] não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples *rés-do-chão*”<sup>53</sup>. O cronista da semana parece um tanto acima, seja literalmente, no alto da primeira coluna e não

---

<sup>51</sup> Crônica da semana. *Gazeta de Noticias*. Rio de Janeiro, 25 de jul. de 1886, p. 1.

<sup>52</sup> O ambiente jornalístico de então surpreende o leitor de hoje, pois à época não havia a política de não citar explicitamente outras folhas ou mesmo discutir suas práticas e posicionamentos. Antes, era algo que se esperava do trabalho jornalístico, a ponto de a *Gazeta de Noticias* ter uma seção intitulada “Entrelinhas” que dava conta especificamente de realizar essa tarefa.

<sup>53</sup> CANDIDO, Antonio. A vida ao *rés-do-chão*. In: \_\_\_\_\_. [et al.] *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro, RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.14. A menção a este texto de Candido é menos uma crítica ao autor e mais uma crítica ao uso automático de suas definições para falar de toda e qualquer crônica.

no folhetim, seja em relação à matéria de sua crônica, passando na verdade ao largo do “fato miúdo” para dar privilégio aos temas políticos<sup>54</sup>.

Para a crônica entram os fatos “dignos” e ela mesma dignifica fatos. O que acontecia não era mais digno da crônica, ou ela era digna demais para o que acontecia? Estaria em latência a problemática dessa posição? Machado de Assis, quando assumiu na *Gazeta* a tarefa de escrever a crônica da semana, parodiou esta posição alterosa, um indício de que estava sedimentada: “nasci com certo orgulho que já agora há de morrer comigo. Não gosto que os fatos nem os homens se me imponham por si mesmos. [...] Os fatos, eu é que os hei de declarar transcendentais; os homens, eu é que os hei de aclamar extraordinários”<sup>55</sup>.

A função e a perspectiva do cronista eram um tanto audaciosas, pois em face da indeterminação histórica, elaborava, desde a Rua do Ouvidor, nº 70, um ponto de vista sobre as coisas *dignas e cronicáveis*. Um aspecto da questão está em que muitas vezes os jornalistas da *Gazeta* (provavelmente não apenas dela) se representavam em uma posição de grande legitimidade, desde a qual podiam fazer a crítica de tudo ao seu redor, ou ainda, desde o lugar daqueles aptos a corrigir o mundo fazendo rir. A esse tipo de propósito, o humor se associa como estratégia quase natural, sobretudo se considerarmos a frequência com a qual periódicos se utilizaram de práticas humorísticas ao longo de todo o Segundo Reinado. As “Balas”, em comparação com as “Crônicas”, sugerem uma ainda maior radicalização dessa vontade e dessa posição, num flerte com o sarcasmo.

Por tudo isso, a rubrica “Balas de estalo” não parece ter sido escrita com os fins da crônica, nem lida exatamente enquanto tal por aqueles que acompanharam sua publicação. As “Balas de estalo” viriam a cumprir outra função na *Gazeta de Notícias*, ou melhor, uma função mais direcionada. Aquilo que trazem em comum com a crônica, ao menos com as rubricas entendidas enquanto tal em seu tempo, talvez repouse no prosaísmo, no enraizamento na ordem do cotidiano<sup>56</sup>. Dentro da *Gazeta* havia uma rubrica bem situada, que por anos

---

<sup>54</sup> A política era um grande interesse da *Gazeta de Notícias*. Nas “Balas de Estalo” e na “Crônica da semana” esse mote é constante. Quando, por exemplo, se dizia que a semana fora farta de acontecimentos na “Crônica”, geralmente se tratava de muitos acontecimentos políticos. Além disso, a *Gazeta* trazia um relatório constante do cotidiano das Câmaras e do Senado em seções como “Diário das Câmaras”, “Parlamento”, “Boletim Parlamentar”, “Boletim das Câmaras”. A política ocupava ainda artigos de fundo e de opinião, como “Coisas Políticas”, escritas por Ferreira de Araújo, e artigos específicos que debatiam questões atuais a exemplo de “O projeto Saraiva”, “A questão servil” e assim por diante.

<sup>55</sup> A semana. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 de jul. de 1892, p. 1.

<sup>56</sup> No Colóquio Internacional “Crônica, chronique, crónica. Brasil-México-França (1800-1930)”, realizado entre 6 e 8 de março de 2014, na UNESP, campus de São José do Rio Preto, Alain Vallaint em conferência intitulada “Les métamorphoses médiatiques d’un genre littéraire”, trouxe um panorama da prática da rubrica

assumiu as tarefas da crônica, o que assinala a economia de sentido das rubricas no interior de um jornal diário, reforçando a hipótese de que há algo além da crônica na escrita das “Balas”.

Um dos indícios desse “além” de sua prática se insinua nas sinonímias empregadas para se referir à seção. Os leitores contemporâneos de sua publicação (a nosso alcance, os pares da imprensa) bem como os próprios “confeiteiros” das “Balas”, quando precisavam se referir a elas com outras palavras para além do nome da rubrica, incorriam em termos mais gerais do jornalismo. Porém nunca a nomearam “crônica”, no máximo mobilizaram o sentido amplo do “fazer a crônica de” enquanto o registro de algo. Vejamos alguns exemplos.

O *Corsario* chegou a comentar as “Balas”, sempre num sentido pejorativo, como *novo gênero*: “Não temos escritores para *Balas de estalo*, novo gênero que foi há bem pouco introduzido pela *Gazeta de Notícias*, o jornal *mais bem* redigido que há... em roubo de telegramas”<sup>57</sup>. Gênero, nesse trecho, parece empregado em um sentido lato: tipo de produto de uma mesma origem (*Gazeta de Notícias*), daí “Balas de estalo”, um gênero da *Gazeta*. No esforço de inventar uma sinonímia para as “Balas de estalo” – que também haviam se diferenciado das tradicionais balas em verso – fica visível o sentido de novidade da seção.

Os baleiros, por seu turno, dentro do jargão jornalístico, chamavam-na simplesmente seção: “Os meus companheiros, pérfidos e velhacos atiraram-me para o último dia do ano, dando a entender que almejavam que esta seção [as “Balas de estalo”] fosse encerrada com chave de ouro”<sup>58</sup>. Ao agradecer aos leitores das “Balas”, Décio sugere que fossem lidas como literatura humorística: “Antes de tudo, agradecemos ao público amante da fina literatura humorística o grande apreço que tem dado a estas balas”<sup>59</sup>.

Na década seguinte, quando da morte de Ferreira de Araújo, as homenagens ao jornalista mencionavam seu pseudônimo Lulu Sênior e as rubricas que com ele assinou. Numa dessas homenagens, o jornal *Província do Pará* informa seus leitores sobre o que foram as “Balas de estalo”: “Ferreira de Araújo, que é o próprio *Lulu Sênior*, dos folhetins da *Gazeta de Notícias*, mesmo doente como há muito se achava, escrevia naquele jornal as *Balas de Estalo* e *Apanhados*, seções humorísticas que embora anônimas deixavam transparecer a

---

crônica na imprensa francesa do século XIX. O conferencista distinguiu dois marcos importantes da escrita da crônica: a do tipo “causerie”, mais satírica, ligada ao comentário de fatos ordinários, por vezes mesmo da esfera privada parisiense, e a do tipo “chroniqueur”, que tratava do dia-dia público, de fatos e atualidades, associada à narrativa histórica e memorialística. A “Crônica da semana” parece ter essa última prática por herança, indicando um paradigma de escrita supranacional.

<sup>57</sup> Seção humorística. *Corsario*. Rio de Janeiro, 18 de ago. de 1883, p. 3.

<sup>58</sup> Zig-Zag. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 31 de dez. 12 de 1883, p. 2.

<sup>59</sup> Décio. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1º de jan. de 1883, p. 2.

perícia mágica do seu autor incansável”<sup>60</sup>. Aqui, como na “Bala” de Décio, reafirma-se o caráter de seção humorística do jornal.

Do levantamento feito, apenas uma ocorrência associa as “Balas” ao fazer cronístico, porém em sentido lato. A edição de 20 de março de 1886 de *A Ilustração*, dirigida por Mariano Pina, ele mesmo correspondente internacional da *Gazeta de Notícias* em Paris, traz um artigo na seção “Jornais e Jornalistas” sobre a *Gazeta*. A partir de uma breve explanação, a prática das “Balas” é alinhada tanto ao trato do cotidiano quanto ao tipo de folha (e rubrica) que veiculava balas em verso: “Duas seções da *Gazeta* que são dignas de atenção especial, são as *Balas de estalo* e as críticas teatrais. A primeira seção é a gazetilha humorística escrita por todos os colaboradores e onde se comentam dia a dia, com grande liberdade e desenvoltura, os fatos de momento da vida fluminense”. Em artigo sobre Ferreira de Araújo, ainda *A Ilustração* comenta sua prática de jornalista nos seguintes termos: “Sério e elevado [...], nem por isso deixa de ser um verdadeiro cronista do *boulevard*, palpitante de graça, de bonomia e de mordacidade, quando, de pseudônimo em punho, escreve com seus colegas de redação as famosas *Balas d’estalo* que tanto sucesso têm tido entre o público fluminense”<sup>61</sup>.

Na década de 1950, na edição do suplemento *Autores e Livros* que homenageou Ferreira de Araújo, encontramos referência à compilação em livro de algumas “Balas de estalo”, publicada pela própria editora da *Gazeta de Notícias*, em 1887. A classificação usada por Múcio Leão já na metade do século XX ainda é a mesma dos comentários coetâneos às “Balas”: “Balas de Estalo – Rio – 1887. É uma série de artigos humorísticos da *Gazeta de Notícias*, na qual Ferreira de Araújo tinha a responsabilidade de um pseudônimo – Lulu Sênior – ao lado de Machado de Assis (Lélio), Henrique Chaves (Riancho Manuel da Rocha [sic] (Ly))”<sup>62</sup>.

A predominância do entendimento das “Balas de estalo” como um artigo humorístico da *Gazeta* a situa num âmbito ao mesmo tempo bem demarcado pelo “humorístico”, mas também aberto pelo genérico de “artigo”, deixando entrever aquele “algo mais” de que falávamos. Há efeitos de sua prática que, ao menos até metade do século XX, impediam seus leitores de enxergá-la como crônica. Enquanto o caráter de sua coletividade, sua alocação no jornal e sua herança das balas de confeito ainda estavam no horizonte de leitores e

---

<sup>60</sup> Os nossos colegas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de set. de 1900, p.2.

<sup>61</sup> O Dr. Ferreira d’Araújo. *A Ilustração*. Paris, 20 de mai. de 1884, p. 23.

<sup>62</sup> LEÃO, Múcio. Bibliografia de Ferreira de Araújo. *Autores e Livros*, Rio de Janeiro, v. XI, n. 12, p. 114, dez. 1950.

comentadores, esta rubrica foi entendida como um artigo humorístico. Quando foi subtraída de seu contexto para integrar o volume de crônicas da obra completa de Machado de Assis, então, passou a ser lida enquanto tal.

Na época em que foram recolhidas em livro, o Brasil contava com outro paradigma para o fazer cronístico, o que hoje podemos conceber como o cânone da crônica em literatura brasileira<sup>63</sup>. Nesse cânone, as crônicas aparecem um tanto desligado da função de debater as questões políticas e da necessidade de comentar a vida da Corte e ler os jornais para os leitores (!). Sua prática era alimentada pelo viés lírico e literário da visão sobre o cotidiano e do espaço de subjetividade em jornais diários que também se modificaram profundamente. Assim, entende-se que à leitura dos artigos humorísticos, que não raro faziam ficção ao invés de comentário, se sobreponham a tendência literária e a leveza do cânone cronístico do século XX. Se por alguns vieses essa associação se dá tranquilamente, por outros ela fica completamente barrada, para falarmos apenas na noção mais contemporânea de autonomização da prosa da crônica de seu entorno político-editorial e da ideia de que a crônica pode ser feita *para* virar livro, entre outras considerações.

A especificidade da proposta de “Balas de estalo” pode ser recuperada pela economia interna do sentido das rubricas da *Gazeta de Noticias* se feito um cotejo entre as tematizações de sua prática e da seção que então literalmente era chamada de crônica. Já havemos descrito a “Crônica da semana”, passemos agora às “Balas de estalo”.

Sobretudo nos primeiros anos de publicação, elas foram presença quase diária na página dois da *Gazeta de Noticias* (tal periodicidade e localização são já índices de distinção relativos à crônica). Além disso, sabemos que contavam com muitos colaboradores, assinando-as sempre com pseudônimos, os quais em diversos momentos vieram a funcionar como personagens da seção. A oscilação entre disjunção ou associação entre pseudônimo e autor empírico mereceria um trabalho a parte. Nesse momento, ressaltamos que, com frequência, na leitura das “Balas”, há a possibilidade de o leitor estar participando de um jogo de cena, de fantasia dos baleiros. Ao menos, eles gostavam de criar a ideia de ser um grupo

---

<sup>63</sup> O processo de “canonização” de alguns cronistas brasileiros do século XX passa, em grande medida, pelas edições de “Para gostar de ler: crônica” da editora Ática e pela própria presença destes cronistas no cânone da literatura brasileira, entre eles: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Alcântara Machado, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Rubem Braga. Outra contribuição importante a essa canonização se deve aos ensaios de Antonio Candido, “A vida ao rés-do-chão” – justamente uma introdução ao quinto volume da coleção “Para gostar de ler” – e de Arrigucci Jr que traçam panoramas e classificações do gênero, abordando os escritores mencionados. Conferir ARRIGUCCI Jr., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: \_\_\_\_\_. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.

organizado em torno de uma mesma tarefa, orientados por certa finalidade comum e por um modo de realizá-la, ainda que houvesse margens para constituir posições singulares dentro desse horizonte de expectativas.

Em dada ocasião, Lulu Sênior teria pedido, na véspera de seu dia de fazer as balas, que Zig-Zag o cobrisse. Assim, entre um obséquio e outro, ambos dão a entender que há uma escala prévia<sup>64</sup> para a escrita das “Balas”:

Eu podia aproveitar para [...] explicar ao leitor o processo por que cá em casa são feitas estas cousas conhecidas pelo nome de *Balas de Estalo*.

Isto de *Balas de Estalo* é feito por escala.

Cada um tem o seu número de ordem. Só pode faltar à chamada apresentando um atestado de médico, ou uma certidão de óbito. Afora esses casos, o dever de um bom artilheiro, que se preza que se respeita, de um artilheiro que quer deixar um nome honroso na história d’estes tiroteios diários, é avançar! Se não tem estalo de que faça as *balas*, faça as de ovo, de alteia, ou de caju: mas faça-as, que esse é o seu dever<sup>65</sup>.

Ao que Lulu Sênior confirma no dia seguinte:

É verdade que eu lhe meti a espiga de fazer as *Balas* em dia em que lhe não topava essa estopada; mas também é verdade que, sendo este trabalho pago a *olho*, quem mais trabalha mais se estafa, e tem mais probabilidade de ir direitinho para o céu. Por conseguinte, se lhe dei a honra, dei-lhe também o proveito.

Manda a lealdade – que ele não merece mas que devo a mim mesmo – que eu deixe de contar que mais de uma vez tenho escrito *Balas*, que Zig-Zag assina e se o público não tem dado por isso, é porque, justamente para o engazopar, faço-as n’esses dias muito mais tolas que de costume<sup>66</sup>.

Ambos prospectam da dificuldade de diariamente produzir uma bala (o temido assunto que se esgota) um mote para fazê-la e ao mesmo tempo divertir o leitor, torná-lo mais íntimo do grupo. Além da escala, temos notícias do pagamento por bala feita e das trocas de obséquios em que um escreve pelo outro<sup>67</sup> observando supostamente – nesse caso galhofeiramente – os trejeitos de escrita de cada pseudônimo. Percebemos que Zig-Zag transformou a crise de assunto do colega em motivo de bala de estalo, ao que este respondeu com o mesmo gesto. Seja nos termos belicosos de Zig-Zag (“artilheiros”, “tiroteios”), seja na resposta debochada de Lulu Sênior, percebemos o tom dominante dessa seção e a perspectiva que a constitui: pontos de vista satíricos, por vezes frutos de uma construção meditadamente ficcional, prontos para atacar com suas balas e transformar o alvo em piada, motivo de

---

<sup>64</sup> A mesma prática é afirmada explicitamente pelo pseudônimo de Dermeval, além de ficar sugerida em diversas outras “Balas”. Conferir: Décio. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1º de jan. de 1884, p.2.

<sup>65</sup> Zig-Zag. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de jul. de 1883, p. 2.

<sup>66</sup> Lulu Sênior. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 de jul. de 1883, p. 2.

<sup>67</sup> Décio também afirma que quando lhe cabia fazer as “Balas” aos sábados, Lúlio é quem as fazia por ele. Conferir Décio. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1º de jan. de 1884, p.2.



galhofa. Ao mesmo tempo, pela construção do efeito humorístico, há uma camada de brincadeira, de algo que não se leve tão a sério, o que suspende a gravidade dos ataques; ou em outras palavras, um quê de morde e assopra.

Nos primeiros meses de atividades da série, José do Egito tratou de fazer uma autorrepresentação dos “confeiteiros” e de sua atividade:

Há quase “três quinze dias” que todas as manhãs, n’esta parte da *Gazeta*, escritores modestos e joviais tem-se dado à honra de estalar balas com os homens e com as instituições que (in)felizmente nos regem.

O fim d’estes exercícios de balística inofensiva e doce tem sido – simplesmente – piparotear o nariz dos ridículos – para regalo dos leitores e maior ridículo dos narizes.

[...]

*Zig-Zag, Décio, Lulú Senior, Publicola, Mercurio*, alternam-se todas as manhãs na administração das balas; amassam-nas, arredondam-nas, douram-nas, enrolam-nas e... *páff* – lá foi uma bater no nariz de um desfrutável, ferir a pança de um tiranete, derrubar o penacho de um vaidoso...<sup>68</sup>

Trocando em miúdos, vemos aqui a reivindicação da posição satírica, cuja função é a de denunciar no outro o ridículo, o desfrutável, a tirania, a vaidade; de combater pelo ridículo, pela mofa. Uma posição autolegitimada em sua prática e propósito, mas que precisa se congrega ao leitor e dizer: ria comigo – mais que isso, precisa regalá-lo. A sátira, de modo geral, tem uma ligação com a atualidade, pois o objeto de sua ridicularização deveria ser observável por seu interlocutor, pois ela o denuncia aos contemporâneos. Daí também seu caráter engajado, em que o autor toma partido contra pessoas, instituições e práticas de seu tempo<sup>69</sup>.

Esse posicionamento dos baleiros, em grande parte das vezes, estava articulado à constituição de um comentário humorístico. Outras vezes, era modulado com estratégias ficcionais que faziam a sátira por meio da paródia. Neste último caso, a ser estudado com vagar adiante, ao invés de comentar ironicamente um objeto, parodiavam práticas sociais e gêneros do discurso envolvendo o tema de sua crítica. Exemplar é a bala de estalo em que Machado de Assis parodia o gênero épico para satirizar a suposta ação heroica de seu tempo: a devolução do troco dado a mais por um comerciante. O reconhecimento do gênero parodiado, o épico, bem como a dissonância entre sua forma e o conteúdo prosaico e burguês, acresce ficcionalidade à bala de estalo além do regalo com o efeito estético.

---

<sup>68</sup> José do Egito. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 de mai. de 1883, p.2.

<sup>69</sup> Para considerações mais gerais, nos baseamos no verbete “Satire” de SOURIAU, Étienne. *Vocabulaire d’esthétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999, p.1268.

Ao longo de sua prática, a noção de bala de estalo adquiriu mais uma camada de sentido: o objeto criticado é ele mesmo uma bala de estalo, como se houvesse ações e discursos evidentemente ridículos. Vejamos dois exemplos em que se manifesta essa lógica:

Hão de ter paciência; mas, se cuidam que a bala hoje é de quem a assina, enganam-se. A bala é de um finado, e um velho finado, que é pior; é de Drummond, o diplomata. [...]

Diabo! Mas, pelos modos, não é uma bala de estalo, é uma bala de artilharia! Não, não; tudo que há mais bala de estalo. Eu só extraio da *Memória* aquilo que o velho Drummond escreveu prevendo a *Gazeta de Notícias*, e os autores d'esta nossa confeitaria diária. Não é que a *Memória* não seja toda curiosíssima de anedotas do tempo; mas os que se interessam por essas cousas, são naturalmente em pequeno número, e eu só amolarei a maioria dos meus semelhantes, quando não der por isso; de propósito, nunca. [...]

Creio mesmo que não lhe interessa [ao leitor] este juízo de Drummond acerca do oficial encarregado de prender aquele indivíduo [o maçom Luiza Prates]: “era o coronel Gordilho (diz o velho diplomata) que depois foi pelo merecimento da sua ignorância marques de Jacarepaguá e senador do império.” Entretanto, esta expressão – *merecimento da sua ignorância* – é de bala de estalo. Vamos, porém, a uma anedota desse mesmo ano de 1817, galantíssima, uma verdadeira bala de estalo, feita pelo rei D. João VI, que também tinha momentos de bom humor<sup>70</sup>.

O que segue é uma anedota em que um maçom foi obrigado a andar um dia inteiro com o hábito de uma ordem religiosa. Nessa bala, Lélío relata sua leitura das empoeiradas memórias de Drummond, nas quais se deparou com uma série de causos que poderiam ser balas de estalo, ou seja, uma série de situações reais tão cômicas que parecem, na verdade, “piadas prontas”. No início do texto, Lélío simula uma acusação do leitor de que aquela se tratava de uma bala de artilharia (mais agressiva), mas logo responde que não, que seria uma autêntica bala de estalo. Tal autenticidade talvez se refira à fórmula da anedota – que aqui problematiza questões políticas e sociais (no caso, a “questão espíscopo-maçônia”), pelo ridículo, de modo engraçado e leve. A mesma fórmula seria encontrada em dadas situações em que se evidencia o absurdo, o inesperado ou a estupidez da ação de algum personagem público, instituição ou ainda o cômico e o absurdo nos costumes.

Os autores das “Balas de estalo” traziam um olhar mais direcionado em relação ao do cronista da semana. A lógica do baleiro era de se aperceber de elementos cômicos, trejeitos de anedotas incrustados nos debates políticos, nos costumes, na vida cotidiana da Corte, nas memórias dos diplomatas. Outras duas “Balas”, de diferentes pseudônimos, deixam entrever também esse sentido:

Este augusto [deputado] João Penido (\*) fez um discurso.

Esse discurso, proferido à razão de 50 mil réis por dia e um tanto por cento de erros de gramática, é um estelionato, é um roubo feito às *Balas de estalo*.

---

<sup>70</sup> Lélío. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 de jan. de 1884, p.2.

Se o referido augusto João Penido quer ter o direito de fazer *Balas de estalo* da respeitável tribuna da câmara temporária, então conceda S. Ex às *Balas* o direito de fazer discurso na câmara!<sup>71</sup>

O discurso do deputado João Penido, autodeclarado miolo mole, é tão contraditório e absurdo em seus termos que de fato parece uma piada, e de mau gosto. Proferido na sessão de 10 de julho de 1883, iniciou censurando os colegas por conversarem durante as discussões, a ponto de não saber como votar por não ouvir o que se discute. Também os censurou por permanecerem apenas nas discussões de interesse particular e por se ausentarem depois de responder à chamada. Em seguida, saltou para o tema do elemento servil, dizendo que em 1852 já se declarava emancipacionista, porém considerava que não se deveria apressar a abolição “posto que seja um fato contrário à humanidade e à religião” (?). Citou vários “fatos” para provar quão humanitários eram os senhores de escravos no Brasil, acreditando que a emancipação não deveria ser exclusivamente onerosa a eles, mas que todos deveriam contribuir para o fim da escravidão. Quanto à reforma do Senado, disse que é de suma importância, pois “A maioria dos senadores, homens de mais de sessenta anos, já estão de miolo mole, como eu”. Declarou-se republicano pacífico, mas que se pudesse colocaria na presidência da República o Imperador. E assim por diante, foi disparando uma série de considerações irrisórias<sup>72</sup>, quase piadas prontas, balas de estalo de si e de seus colegas.

Até aqui, pode-se dizer: os recortes de interesse das “Balas” definem outra relação com a ordem da periodicidade do jornal, seja do ponto de vista da publicação, seja porque os “confeiteiros” jamais se preocuparam com a tarefa de fazer a resenha dos fatos de um período de tempo, fosse uma semana ou mês. Além disso, o fluxo quase diário de escrita instituiu o problema da relevância dos assuntos. Por vezes, as “Balas” abordavam uma gama de temas breves e de interesse restrito, porém são justamente aquelas amarradas em torno de uma questão de maior fôlego as que produzem os efeitos de criticidade e humor de modo mais estruturado, e, sobretudo, o efeito de *artigo*, sustentado na unidade textual. Acresce que muitas vezes havia a estratégia de inserir no texto elementos que contribuíssem para a identificação dos pseudônimos como personagens, e desses como um grupo que compartilhava da mesma tarefa, havendo a simulação de conflitos entre eles, reuniões, conversas, duelos, alcunhas etc. Os eixos de identificação entre colaboradores de “Balas de estalo”, seus objetos como de escárnio e a maneira de isso tudo engendrar sua escrita são

---

<sup>71</sup> João Tesourinha. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de jul. de 1883, p.2.

<sup>72</sup> O discurso foi resenhado na seção: Câmara dos deputados. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 11 de jul. de 1883, p.1. O mesmo foi tratado como o “maior sucesso da semana” em: Crônica da semana. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 de jul. de 1883, p. 1.

constituintes bastante específicos desta seção da *Gazeta de Noticias* e a diferenciam da prática da crônica.

Em um jornal com um espaço e uma prática para a crônica demarcados e sedimentados, a liberação face às exigências de uma seção de crônica pode ter conduzido a escrita das “Balas” a uma experimentação de técnicas com vistas à construção dos efeitos de crítica e humor. Ou seja, os baleiros estavam especialmente liberados e direcionados à inventividade humorística com fins na crítica política e dos costumes. Chama atenção, por exemplo, o uso de artifícios literários e do registro ficcional na seção, sendo decorrência disso a mobilização da paródia, seja no âmbito textual de parodiar a feição de outros gêneros do discurso, como a epopeia, seja no âmbito da paródia de práticas sociais e costumes, como as polêmicas literárias na imprensa. Ao final da análise dessas “experimentações”, esperamos que elas nos informem para além de sua forma, convertendo-se em negativos de certas vontades – não as individuais e caóticas, mas as estruturantes e coletivizadas, vontades direcionadas ao âmbito público.

## V. Lógica do olhar: lentes bifocais para escárnio e paródia

Em 14 de julho de 1883, Machado de Assis chegou tarde em casa. Tinha passado na redação da *Gazeta* para assuntar com Dermeval, mas esse afirmava que nada acontecia no Rio! De quebra, perdera o bonde que costumava tomar. Soma a isso, leitor, a tabelinha que indicava “Lélio” para o dia seguinte. Não tinha assunto em mente, mas era preciso fazer bala. Depois do jantar, convidou Carolina para ter com ele no escritório, quem sabe a mulher não lhe rendia um assunto? Mas ela parecia ter a mesma opinião de Dermeval e ainda cochilou à larga com a *Revue* pendendo das mãos. Enquanto isso, Machado curvava-se sobre a secretária de vinhático, metia à ponta do nariz o pince-nez bifocal e à roda de si as folhas da Corte – estrutura corporal armada para esmerilhar uma a uma as linhas miúdas do *Jornal do Commercio*, juntas fazendo torres de graves colunas. Não perdeu uma seção, desde o artigo de fundo até a notícia literária ou artística, e desta ao anúncio. Reteve-se, contudo, diante de um a pedido de letras garrafais *ATENÇÃO Ontem o Sr. José Mendes de Abranches...* Consta que o sóbrio escritor não era de se rir a bandeiras despregadas, antes deixava um leve arregaço irônico no canto esquerdo da boca. Naquela noite, porém, escapou-lhe uma gargalhada de estremecer as colunas do diário e furtar Carolina de seu cochilo: *Jesus, qu’isto M’chado?*, resmungou a aborrecida mulher. *Está achada a epopeia burguesa!*, respondeu-lhe, recompondo-se em ironias. Carolina olhou de atravessado para o jornal e o marido, *Mas que estouvado, que tinha?* Deu de ombros e recobrou a leitura. Em seguida, Machado já preenchia as tiras para a *Gazeta*.

Este pequeno episódio sugere, ficcionalmente, como seria o processo criativo de uma “Bala de estalo”, em que os constrangimentos de sua escrita fazem parte inclusive do jeito como seus colaboradores perscrutavam a imprensa. Se por um lado as “Balas de estalo” tinham uma função específica dentro da *Gazeta de Noticias*, por outro lado, compartilhavam com diversas rubricas, como a “Crônica da semana”, a prática de ler os jornais para prospectar assunto. Essa leitura, quando atrelada à necessidade de fazer balas, se mostra atravessada por uma perspectiva compartilhada em função da seção – a de catar o ridicularizável, as piadas prontas da vida brasileira, e, às vezes, ainda fazê-lo divertindo o leitor com invenções

paródicas. O episódio salienta como leitura e escrita no jornal eram processos cruzados e mutuamente constituídos. Assim, os confeiteiros como Machado de Assis espreitavam a vida pública com “lentes bifocais” prontas para identificar algo a ser ridicularizado e elementos para armar paródias.

O mote da bala de Lélío, publicada em 15 de julho de 1883, foi de fato garimpado do jornal, pois Machado partiu de uma publicação apedido. Precipita, nessa bala, uma lógica de elaboração do ridículo por meio da paródia de um gênero claramente distinto da seção “Balas de estalo”. O elemento que funciona como gatilho estruturador da paródia é o exacerbamento, ou a tomada ao pé da letra, da dignidade em certo ato não ser esquecido:

Está achada a epopeia burguesa. Não confundam com a tragédia burguesa; essa está achada há muito. Refiro-me à epopeia, o mais difícil, porque o heroísmo na vida pacata do século não era a mesma coisa fácil de aparecer. E apareceu; e aqui o tenho nas mãos, nestas poucas linhas que os jornais acabam de imprimir e divulgar:

#### ATENÇÃO

“Ontem o Sr. José Mendes de Abranches comprou-me objetos no valor de 60\$000.

“Por lapso de soma, porém somente cobrei 50\$00, por cujo motivo o dito Sr. Abranches, conhecendo o meu logro, veio horas depois dar-me os 10\$ que de menos eu havia recebido. Um ato de tanta probidade não merece ser esquecido, por isso assim o faço público. – O dono da Camisaria Especial, Ed. Sriber, Rua dos Ourives n. 51, porta imensa, corte.”

Vejam bem o sentimento poético e a insinuação do Sr. Sriber: “Um ato de tanta probidade não merece ser esquecido”. Isto e convidar os Homeros da localidade é a mesma coisa; portanto, acudo com o meu esboço de poesia, que porei em verso, se merecer a animação da crítica.

#### CANTO I

Musa, canta a probidade de Abranches, escrupuloso nas contas, exato nos pagamentos. Que as trompas do século repitam aos séculos futuros este lance extraordinário.

Já a Aurora, com seus róseos dedos, vinha abrindo a estrada do sol, quando o Abranches acordou e levantou-se do leito. Desce os pés ao chão, calça as sandálias domésticas, toma do lençol de linho e passa ao banho. De pé, no centro da grande bacia talhada em lata, Abranches solta a mola que prende a linfa; esta, em jorro cristalino, esconde as belas formas do herói. Esgotada a água, ele sai, envolve-se todo no lençol de linho, alvo, como os primeiros albores da manhã, enxuga-se minuciosamente, e começa a vestir-se.

Então Mercúrio, patrono do comércio, toma a forma de camareiro, e, depois de uma profunda cortesia, profere estas palavras: “Abranches, tu careces de camisas!” O herói estremece, olha para si e reconhece a fatal verdade; sim, ele carece de camisa. Como a flecha que, embebida no arco, parte veloz, galga o espaço, rasga as nuvens, assim o Abranches acaba de vestir-se; mete dinheiro no bolso – uma nota de cem mil réis – e rápido corre à Camisaria Especial.

#### CANTO II

A Camisaria Especial é o ponto do universo onde os trocos, quando são demais, não são restituídos ao dono da casa. O camiseiro põe todo o cuidado em contar o dinheiro; conta, reconta, soma, diminui, multiplica, divide, unta cuspe nos dedos para não perder nada; é o seu método. Se algum bilhete sai de mais – um simples bilhete de cinco tostões – ninguém o restitui, vai forrar a porta do inferno dantesco.

Daí o olhar oblíquo que o Camiseiro deita ao Abranches, quando este, ao entrar, lhe brada: “ó tu, que o destino instituiu para vender de camisas; deixa-me ver uma dúzia”. Mal o ouvido, o Camiseiro pegou da escada, subiu às prateleiras, puxou uma

caixa comprida e verde, onde repousam dobradas doze camisas n. 40; desce com ela, e coloca-a no balcão. Com a mão solícita, desata o cordel, ergue a tampa, desdobra as folhas de papel que protegem as camisas, até que a primeira destas aparece aos olhos do Abranches. A cor de neve brilha no precioso linho; três botões de madreperla marcam o peito como os astros da madrugada; o pano largo e luzidio acusa a consistência da goma e a assiduidade dos ferros.

#### CANTO III

Mas o Abranches não quer só camisas, quer também colarinhos e punhos. Paciente como Penélope, o Camiseiro sobe e desce a escada, para servir o herói. Este inclina-se, palpa, examina, inquire e compra; enfim o Camiseiro diz lhe o preço. Abranches, econômico, regateia; depois, manda embrulhar tudo.

Enquanto o Camiseiro embrulha as comprar, o herói, pontual como Hélios, tira da algibeira o receptáculo de couro, cintado de borracha, descinta-o, abre-o, e, com dois dedos, tira a nota de cem mil réis, e entrega-a ao Camiseiro.

Qual a terra árida, que após um longo e queimado verão, recebe as primeiras águas do inverno, toda se alegra, toda parece remoçar, assim o rosto do Camiseiro fulgura, quando o Abranches levanta a nota. Esta passa às mãos do Camiseiro, que se encaminha à caixa para fazer o troco.

Então, o deus Cálculo chama um dos seus Erros, e diz-lhe; “Vai, vai ao Camiseiro da rua dos Ourives, e faz com que ele se atrapalhe na conta”. O Erro, fiel à ordem, desce, entra na loja, e atrapalha o Camiseiro, que em vez de dar ao herói trinta e dois mil réis, entrega-lhe quarenta e dois. Nem ele adverte o engano, nem o Abranches conta o dinheiro; pega das camisas, colarinho e punhos, cumprimenta e sai.

#### CANTO IV

Entretanto, a Probidade, amiga do Abranches, vê a aleivosia, e pensa em salvar o herói. “Não, brada ela; isto não pode ficar assim; é preciso um exemplo grande, raro, nobre, épico; é preciso que o Abranches restitua os dez mil méis”.

E, tomando a figura de uma viúva pobre, aguarda o Abranches no corredor da casa deste; mal o vê entrar, lança-se-lhe aos pés. “Divino Abranches, sou uma viúva desvalida; dá-me de esmola o que te sobrar do troco que recebeste”. O herói sorri; como pode sobrar alguma coisa do troco? Dócil, entretanto, saca o receptáculo, descinta-o, conta, reconta; é verdade, dez mil réis de mais. Então a deusa: “Em vez de os dares a mim, vai restituí-los ao Camiseiro”. E, súbito, desapareceu no ar. Abranches reconhece o prodígio; algum deus benéfico lhe falou por aquela boca. Depositada a caixa em casa, e, rápido como um raio de Febo, voa à Camisaria Especial.

O Camiseiro, encostado ao balcão, refletia na estrada do Madeira e Mamoré, quando o Abranches lhe apareceu, dizendo que vinha restituir-lhe dez mil réis, que recebera de mais. O Camiseiro não acreditou; deu de ombros, riu, bateu-lhe na barriga, perguntou-lhe como ia da tosse; mas o herói teimou tanto, que ele começou a desconfiar alguma coisa; examina a caixa e reconhece que lhe faltam dez mil réis. A preciosa nota é recebida como o filho pródigo; o Camiseiro beija-a, enche-a de lágrimas, e, teso, alucinado pelo albor de uma consciência imaculada e augusta, caminha impávido na direção da posteridade e da glória eterna.<sup>73</sup>

Que ato seria considerado, no final do século XIX brasileiro, de incomensurável probidade, merecendo ser publicizado? O que animaria os deuses a intervir na Corte de Dom Pedro II? Seria a devolução de um troco um *exemplo grande, raro, nobre, épico* e digno de imortalização? O flagra das lentes bifocais do baleiro estaria no subtexto da ação, em que os signos do reconhecimento são movidos pelos valores da moralidade burguesa. Pelo olhar de Lélío, o dinheiro aparece como mola do valor moral e da racionalidade explicitada na publicação apedido. O que era uma ação legítima engendrada pela moral burguesa, digna e

<sup>73</sup> Lélío. Balas de estalo. *Gazeta de Noticias*. Rio de Janeiro, 15 de jul. de 1883, p.2.

exemplar do ponto de vista do comerciante, torna-se ato ridicularizável com as lentes das balas, a chave de sua visão crítica, alvo de sátira traduzida em paródia do épico. O olhar caricatural de Lélío pesa as tintas escarminhas ao representar o vínculo afetivo exacerbado com o dinheiro, o lucro, o logro, o trabalho. A carência de camisas é um gatilho apenas banal da ação, pois o nó moral do conflito só se estabelece quando o dinheiro entra em jogo. Às entidades mitológicas do berço da civilização ocidental, Aurora, Penélope, Mercúrio, Helios, Febo, somam-se entidades divinas do capitalismo: o deus Cálculo e seus Erros.

A noção de paródia é fundamental, pois o modelo do épico não é reproduzido, nem de modo integral, nem de modo sério – Lélío faz apenas um esboço em prosa. Elementos do gênero são mobilizados com um fim satírico, mas também são uma medida tácita da possibilidade de acesso aos sentidos do texto. A noção de épico subjacente à bala parece ser a de poema que, com estilo elevado e sério, canta e celebra os feitos de um herói. Nas ações e nas personagens, se exprimiria a essência moral do espírito de um povo ou de uma época. A unidade do poema épico seria a expressão desse espírito, em relação complementar e harmônica com o mundo, com a objetividade<sup>74</sup>. O efeito humorístico decorre justamente do desarranjo da representação: entre a forma da epopeia, a narrativa da ação heroica de seres superiores, com estilo elevado, e seu conteúdo, neste caso, o “espírito”, a “essência” da moral burguesa no Brasil, configurada na ação de seres prosaicos e triviais, mediada, em última instância, pelo dinheiro.

Do ponto de vista dos gêneros poéticos, para Hegel, o conteúdo e a Forma do épico são constituídos pela visão de mundo e pela objetividade totais de um espírito do povo<sup>75</sup>, a epopeia exprime a “consciência ingênua da nação”, isto é, o ponto do desenvolvimento histórico de um povo em que “o espírito já se tornou forte em si mesmo para produzir seu próprio mundo e nele se sentir familiar”<sup>76</sup>, como se houvesse uma mentalidade nacional viva percorrendo os indivíduos antes de sua objetivação em leis e dogmas. De outro ponto de vista, vale lembrar, com Benedict Anderson<sup>77</sup>, que os dispositivos fundamentais do processo de constituição do imaginário de uma comunidade nacional seriam a imprensa e a língua vernácula. Poderíamos dizer, assim, que a “epopeia” satírica de Lélío trata da “mentalidade viva” nos indivíduos de seu tempo pelo aparato técnico que permitia a uma comunidade se

---

<sup>74</sup> HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de Estética*, volume IV. Tradução Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

<sup>75</sup> *Ibid*, p. 91.

<sup>76</sup> *Ibid*, p. 93.

<sup>77</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.



imaginar enquanto nação. Assim, vê-se, nas ações e na moral da era burguesa, a banalidade e o oportunismo do espírito da época. Se a narrativa épica, como meio de memória da cultura ocidental, conferia o valor do que merece não ser esquecido, no século XIX brasileiro, o jornal, enquanto meio de publicização, confere o valor da legitimação pública.

O caráter sempre atual e perecível do conteúdo dos jornais, que rápido se consome, fornece o mote da bala e, ao mesmo tempo, a possibilidade de fazer uma rubrica com seus propósitos. A bala de Lélío instala um curto-circuito cômico entre as instâncias do contingente, do momentâneo, identificadas com a prática de escrita e leitura no suporte jornal, e as instâncias do universal, do atemporal, do transcendental, associadas à cultura do suporte livro. Outro efeito do cômico se dá na dissonância desse ambiente com as referências que constituem seu “poema épico” – Homero (parodiado na forma da bala), Dante (“inferno dantesco”), a Bíblia (“o filho pródigo que retorna”), a linguagem empoada e grandiloquente, a construção sublime das imagens etc. Mesmo nesse registro cômico, a escrita do jornal lucra com a mobilização das referências da cultura livresca, a qual, por sua vez, é enxovalhada pela prática do riso na *Gazeta de Notícias*.

A paródia do gênero épico com conteúdo inadequado faz com que este conteúdo, tema da bala, fique ridicularizado justamente por figurar no paradigma épico. O efeito de dissonância dos detalhes torna a ridicularização ainda mais esmerada. O herói aburguesado toma banho em bacia *talhada à lata*, veste camisa sutilmente indicada para pessoas acima do peso (nº 40), portanto um herói gordinho, longe dos parâmetros de beleza grega, com direito ao comentário irônico sobre suas “belas formas”. Para evitar o logro a qualquer custo, o comerciante unta os dedos com cuspe e para instaurar relações cordiais, dá tapinhas na pança do cliente. Já o devaneio do Camiseiro recostado ao balcão é um detalhe profundo da construção de sentido da bala. Por onde vagueia o prosaico pensamento do comerciante? Na estrada do Madeira e Mamoré<sup>78</sup>.

As ferrovias se enraízam num amplo imaginário do século XIX em torno da celebração do modelo de civilização burguesa e do progresso pela técnica. Eram parte de um rol de símbolos dos discursos que articulavam euforicamente o capitalismo de mercado internacionalizado, o poder da técnica e do trabalho humano em sobrepujar a natureza, a riqueza das nações figuradas nas indústrias e no desenvolvimento de tecnologia. As ferrovias

---

<sup>78</sup> Sobre o imaginário em torno do projeto da estrada de ferro Madeira-Mamoré, conferir: HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

condensavam elementos desse imaginário: a magia das máquinas, a superação das distâncias (espaciais e temporais), a possibilidade de circulação, em larga escala, de pessoas, força de trabalho, mercadoria, capital. Nesse delírio, as ferrovias podiam transportar não apenas todos os bens (materiais e imateriais) da civilização, mas sobretudo a imaginação para o inevitável *triumfo* da civilização burguesa<sup>79</sup>. Talvez, em seu devaneio pela estrada do Madeira e Mamoré, o pacato comerciante viajasse para esse tempo. Era bem sabido, porém, o projeto em ruína que constituía a estrada do Madeira e Mamoré, um delírio de progresso inviável desejado pelo Brasil desde a década de 1860 e que se arrastou por todo o período do Império até a República, movido a sacrifícios humanos em torno de uma construção jamais concluída.

De outro modo, também na *Gazeta de Noticias*, com o conto “Evolução”, de 1884, Machado de Assis<sup>80</sup> explicita o elo dessa simbologia com os projetos de nação em voga: “O Brasil é uma criança que engatinha; só começará a andar quando estiver cortado de estradas de ferro”. Eis a fórmula cristalizada, a chave para abrir os caminhos da política a qualquer cabeça de vento que se propusesse veículo da reprodução desse *topos* do progresso. Assim, a crítica à moral burguesa se constrói, naquela bala, em seus mais recônditos detalhes, enraizados no imaginário burguês de civilização que inundavam o Brasil. Há um despropósito entre a forma do épico e elementos prospectados da vida burguesa brasileira, com os signos de poder de seu imaginário. Não é propriamente a honestidade o que impressiona na ação (esse seria o nível ideológico do apedido), mas sim a devolução de 10 mil réis – o dinheiro estruturando as práticas e os discursos. Esse valor em ascensão, essa moralidade, prosaicamente incrustada na seção de apedidos, são o alvo profundo a ser deslegitimados pelo ridículo em outra seção do mesmo jornal.

Dois dias após essa bala de Lélío, o dono da Camisaria Especial publica em resposta um longo apedido na *Gazeta de Noticias*. Machado pesou tanto a mão em escarnecer do dinheiro como mediador e fiel das relações da burguesia representada no “poema épico”, que

---

<sup>79</sup> Na “Fala do Trono” que será analisada adiante, anexa neste trabalho, dentre as tantas coisas que poderiam ser destacadas pelo Imperador, não pôde deixar de figurar a construção da viação férrea.

<sup>80</sup> O peso do imaginário da ferrovia como símbolo do progresso e da civilização burguesa está pulverizado em ínfimos detalhes da prosa machadiana. Ao pé do quase defunto Brás Cubas, “um estranho” reconhecia naquele abastado solteirão um interlocutor de interesse para tratar sobre as necessidades do progresso – entre elas as ferrovias: “Era um sujeito que me visitava todos os dias para falar do câmbio, da colonização e da necessidade de desenvolver a viação férrea; nada mais interessante para um moribundo” – o moribundo Brás(il) que ouve conselhos para se civilizar – ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa em quatro volumes*: volume 1. Organização Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecilio, Heloisa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 631, 2008.

o comerciante parece ter se ofendido tão somente com certas “incorreções de representação”, em que seria sugerida uma relação vulgar com o dinheiro:

#### **Balas de estalo**

Sob a rubrica acima, li, ontem, na *Gazeta de Noticias*, um poema épico que vai abaixo reproduzido, e cuja ação passa-se na *Camisaria Especial*, da qual sou proprietário.

Sendo o sistema desta casa a observação rigorosa do domingo, não pude protestar imediatamente contra algumas das inexatidões contidas no referido poema.

Em primeiro lugar, os meus hábitos de asseio não tolerariam que eu me servisse de cuspo para contar o dinheiro que me trazem os meus clientes: emprego para este fim uma esponja embebida em água da mais cristalina.

Em segundo lugar, o fato alegado não se passou comigo [...], e sim com a minha filha e procuradora Dona Luiza Sribler, cuja educação não consente familiaridades da ordem da qual se menciona, qual seja “*bater na barriga do cliente*” nem tão pouco beijaria tão comovida uma nota de 10\$000 uma pessoa habituada a vender mensalmente, a dinheiro à vista, no balcão, de 1\$ a 22 contos de réis de camisas.

O dono da Camisaria Especial,

ED. SRIBLER.

[segue uma transcrição na íntegra da “Bala” de Lélío dentro da própria seção “Publicações a pedido”]<sup>81</sup>

Teria o comerciante lido a bala de estalo a sério? Ou melhor, teria o comerciante entendido que Lélío quis fazer a sério um poema épico com o mote de seu apedido? Será que ele não entendeu ou *não quis entender* a bala como uma paródia satírica? O fato de Sribler tê-la reproduzido integralmente, tanto na *Gazeta de Noticias*, quanto no *Jornal do Commercio*, pode indicar certa apreciação, já que se divulgava gratuitamente sua loja, mesmo que de um modo tão escarnekedor. Se há crítica na bala, ela é sublocada pela propaganda. Não sabemos até que ponto a resposta do Sribler é irônica ou seriamente convencida de que a ação daquele “poema épico” tem, em contrapartida, dignidade épica. De todo o modo, a cobrança é a de que a escrita no jornal fosse fiel à realidade, pois teria mentido sobre os hábitos de asseio, sobre o rigor e a polidez do atendimento. A boa representação, sobretudo para o regime do jornalismo, deveria dar conta do que seja observável. Para Sribler o problema é a representação indigna e incorreta da realidade; para Lélío, é divulgar como um feito heroico a banalidade da vida burguesa, sequer digna de representação séria.

A crítica ainda se desdobra ao uso do jornal para disseminar o interesse privado de autopromoção, de legitimação, de bajulações. O oportunismo nos espaços do jornal é quase um *topos* da obra machadiana. Em *Quincas Borba*, Camacho, o dono da *Atalaia*, divulga o ato heroico em que Rubião salvara uma criança de atropelamento. Por trás do aparente interesse na ação do preceptor de cachorro, havia o verdadeiro móvel da publicização: um agrado ao ego do mais recente financiador de sua folha política e, ao mesmo tempo, uma

---

<sup>81</sup> Ed. Sribler. Publicações apedido. *Gazeta de Noticias*. Rio de Janeiro, 17 de jul. de 1883, p.2.

heroicização de seus sócios. O capítulo LXVII descreve a reação de Rubião ao apedido, do vexame ao gozo, ele começou considerando a publicação um despropósito “Que diacho de ideia aquela de imprimir um fato particular [...]. Coluna e tanto para cousa tão diminuta! – pensou consigo. E a fim de ver como é que Camacho enchera o papel, leu tudo, um pouco às pressas, vexado dos adjetivos e da descrição dramática do caso”, e, ao fim, acabava envaidecido: “foi comprar uns tantos exemplares da folha para os amigos de Barbacena. Nenhuma outra transcreveu a notícia; ele, a conselho do Freitas, fê-la reimprimir nos apedidos do *Jornal do Comercio*, interlinhada.”<sup>82</sup>.

Esse mote alimentou pelo menos dois contos<sup>83</sup> assinados por Machado para a *Gazeta*, indicando que o jornal ainda comportava a (auto)crítica das práticas mais dessemelhantes a que dava esteio. Em 1881, a prática da autopromoção nos espaços pagos dos jornais seria representada em “Teoria do medalhão – Diálogo” como preciosa recomendação do pai que instrui o filho na arte da medalhonice. O patriarca insinua que os *reporters* poderiam ser “subornados” com convites para jantares em troca de uma notícia sobre o evento. Caso estivessem por demais ocupados, poderia o filho ajudá-los, redigindo ele mesmo a notícia da festa, com o escrúpulo de incumbi-la a algum amigo ou parente. Em “Fulano”, de 1884, o tema se tornará estruturante da narrativa. Fulano, um pai de família retirado e discreto, tem sua vaidade incendiada pelo elogio público que um amigo faz a ele nos apedidos do *Jornal do Commercio*. Desde essa insuflação, Fulano passa a praticar a autopromoção pelos jornais, cujos efeitos na Corte permitem que de bicho do mato se promova a candidato a deputado. Fulano, evidentemente, é um exemplar de medalhão, graduado na arte de fazer do jornal um instrumento que dá reverberação pública a seu interesse privado.

Antes e depois das “Balas”, Machado olharia com ironias e desconfianças para os elogios publicados nas folhas. Em espaços diversos do jornal, conforme a seção a que se destina, elabora de forma diversa o mesmo objeto. Nas “Balas de estalo”, enquanto garimpeiro do ridículo estava especialmente autorizado a fazer do oportunismo nos espaços do jornal um móvel de sátira pela paródia. Nas diferentes seções, vê-se o trabalho de ficcionalização alocado para intervir criticamente nos juízos sobre o uso da imprensa e as práticas e discursos do cotidiano.

---

<sup>82</sup> ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa em quatro volumes*: volume 1. Organização Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecilio, Heloisa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 818, 2008.

<sup>83</sup> Agradeço a meu orientador Antonio Sanseverino por essa acertada lembrança.

## VI. “Balas de estalo”: uma ficção como outra qualquer?

Do dia 1º ao dia 5 de maio de 1883 as “Balas de estalo” se dedicaram à Fala do Trono, sessão solene de abertura dos trabalhos do Parlamento, em que o Imperador proferia um discurso abordando questões políticas que, desde o ponto de vista oficial, deveriam ser destacadas, de modo a indicar as principais preocupações e frentes de ação para o ano parlamentar que iniciava. Pelo que figura nas “Balas de estalo” daquela semana, a Fala do Trono, apesar de ser proferida pelo Imperador, era elaborada a partir de um projeto apresentado e discutido pelo corpo de ministros. Recebida como um termômetro político, a Fala dava o tom do comprometimento a que se propunha o governo em abordar questões importantes como abolição, saúde e educação públicas, bem como dispor promessas de ação em função de tais questões. Ainda assim, ou talvez por isso mesmo, as expectativas sobre a Fala do Trono eram as mais céticas. Apesar de aguardada com atenção pela *Gazeta de Notícias*, a fala oficial da monarquia era encarada mais como uma formalidade do que como um projeto de ações efetivas. Na terça-feira, dia 1 de maio, Zig-Zag deu início à abordagem da Fala do Trono:

Eram sete horas e meia quando os cupês ministeriais, postos em movimento pelo chouto constitucional, se dirigiram, com pequenos intervalos de demora entre uns e outros para o edifício da secretaria dos negócios estrangeiros.

A pouco e pouco foram todos chegando os ministros e entrando para a sala das conferências.

Às oito horas, estando todos presentes, o Sr. presidente do conselho abriu a sessão e deu a palavra ao Sr. Leão Velloso.

O Sr. Leão Velloso começou assim:

- Meus colegas. Segundo os usos e estilos do nosso sistema, aquele que felizmente nos rege, cabe ao ministro e secretário de Estado dos negócios do império redigir o projeto de fala do trono. É esta, aqui para nós, uma ficção como outra qualquer. O Zé-Pagante pensa que é o Imperador quem deita discurso; mas como os colegas sabem, Sua Majestade não faz mais do que ler aquilo que nós lhe impingimos.

- Perdão, colega, interrompe o Sr. Paranaguá. Isso é que é ficção. Nós bem sabemos que o discurso que nós preparamos é quase sempre posto de lado para dar lugar àquele que Sua Majestade tem elaborado de acordo com o Instituto Histórico.

O Sr. L. Velloso. – Em todo o caso somos ministros do sistema representativo, e o nosso dever é preparar a Fala...

O Sr. Avila. – Está visto. O colega Lustosa está sempre a rezear que se cortem as atribuições da Coroa.

O Sr. L. Velloso. – Não façamos questões de forma. Aqui está o meu projeto de Fala. (Lendo).

*Augustos e Digníssimos representantes da nação!* (Falando). Aprovam este parágrafo?

O Sr. Lourenço de Albuquerque. – Por unanimidade;

O Sr. L. Velloso. – Bem. (Continuando a ler). É sempre para Mim motivo de jubilo...

O Sr. Paranaguá. – O mim está com M grande?

O Sr. L. Velloso. – Com o maior que encontrei lá em casa... (Continuando a ler)... ver-me rodeado da representação nacional.

O Sr. Meira. – Eu aí punha-lhe sempre um ponto de admiração.

O Sr. Moura. – Hora'essa. A ter ali alguma coisa, deveria ser um parêntesis...

O Sr. L. Velloso. – Um parêntesis no fim da oração!?

O Sr. Moura. – E então? Quem lhe manda fazer fim de oração? Por que não abre parêntesis e não diz – (deputados e senadores)?

O Sr. L. Velloso. – Ora colega, olhe que isto de redigir é sempre mais difícil do que fazer maiores da guarda nacional.

O Sr. Moura. – Talvez; mas não é mais honroso.

O Sr. Paranaguá. – Vamos, continuemos.

O Sr. L. Velloso (lendo). – A família imperial tem passado bem, graças a Deus.

O Sr. Meira (à parte). – Está chato este parágrafo.

Sr. L. Velloso. – Aprovam?

O Sr. Paranaguá. – Está claro. O colega escusa de perguntar.

O Sr. L. Velloso (continuando). – O meu governo, por circunstâncias que deves conhecer, viu-se um pouco embaraçado por falta de dinheiro. Colocado na posição de o pedir diretamente ao Zé-Pagante, por meio de uma pequena e suave cogitação ou de contrair um empréstimo a *juro módico, longo prazo e braços para a* [ilegível], optou por esse meio, e com tanta felicidade que, realizada, a operação, as flutuações do câmbio fizeram com que o Estado em vez de ficar a dever o dinheiro que pediu emprestado, ainda ficou credor da poderosa Albion, na importância de alguns milhões, que o meu governo conta recebê-los muito brevemente.

O Sr. Paranaguá. – Tal e qual. Este empréstimo ainda me parece impossível! Foi de felicidade inaudita.

Pedi 5, deram dez e ainda me estão a dever 20. Tudo esperteza do câmbio.

O Sr. Meira. – O câmbio é sempre assim. Uma vez eu quis mandar um dinheiro...

O Sr. L. Velloso. – Perdão, deixe-me continuar. (Lendo). A paz interna e externa não foi alterada. Apenas ali no Paraná houve uma pequena rusga de balcão. O meu governo hesitou se havia de lá mandar o senador Correia ou o general Enéas. Mandou o general, e apenas a pata do cavalo dele despontou na barra de Antonina, a Hidra abaixou o colo audaz e fugiu com o rebelde Sergio para os Campos Gerais.

O Sr. C. Affonso. – Muito bem. Essa parte do meu ministério está muito bem pintada.

O Sr. Meira. – O Velloso pinta bem.

O Sr. L. Velloso. – A instrução pública tem tido um grande desenvolvimento. Conferências da Glória e Congresso Pedagógico e Zé Bento no conselho de Estado, foram as medidas de que meu governo lançou mão para chegar a tão feliz resultado.

A saúde pública tem estado assim assim. Algumas febres e vômitos de várias cores. O pior tem sido o negro.

O Sr. L. Velloso. – Meto-lhe aqui o *negro*; para ver se o Homem de S. Cristovão quer introduzir alguma coisa a respeito da abolição. (Continuando a ler.) Várias reformas se fazem precisas. O meu governo encarregou delas várias comissões, e, como destas não há notícias, mal grato me seria que o parlamento tratasse de as descobrir e de lhes arrancar as soluções dos problemas sociais.

O Sr. Paranaguá. – Isso parece um epigrama.

O Sr. L. Velloso. – Não é. Mas se V. Ex. quer, redija este parágrafo de outra maneira.

O Sr. Moura (com calor). – E era melhor. Assim como está não pode ir.

O Sr. Paranaguá. – Uma ideia.

O Sr. Lourenço. – Oh!

O Sr. Paranaguá. – Se eu encarregasse o Doria, que sabe disto de letras, de redigir o projeto da Fala do Trono?

O Sr. Avila. – Isso é que era magnífico.  
Todos. – Pois vá lá mais essa. Já agora, o Doria que diga o que tem feito o ministério.  
E foram para o chá<sup>84</sup>.

Os primeiros parágrafos dessa “Bala de Estalo” poderiam se passar por uma notícia ou reportagem, à moda de outras seções dos jornais, com intenção de objetividade e de reprodução da realidade. Antes de transcrever a Fala do Trono, por exemplo, o *Jornal do Commercio* fez uma descrição da chegada do Imperador ao Paço do Senado com o mesmo estilo de composição:

À 1 hora da tarde, anunciando-se a chegada de SS. MM. e AA. Imperiais, saem as deputações a recebê-las à porta do edifício, e, entrando S. M. o Imperador no salão, aí é recebido pelos Srs presidente e secretários, os quais, reunidos aos membros da respectiva deputação, acompanham o mesmo augusto senhor até o trono.<sup>85</sup>

A rubrica “Balas de estalo”, no entanto, já adverte o leitor de que não está diante de uma notícia, mas provavelmente da paródia satírica de uma; ou ainda, diante de uma cena ficcional, inventada por Zig-Zag, porém com uma série de elementos ancorados na realidade. Essa bala *imita* outras rubricas que respondem a um “dever” do fazer jornalístico desenvolvido ao longo do século XIX que, conforme Thérenty, se calca no valor do testemunho. Trata-se do regime da “choses vues” em que o jornal produz a consciência que *observa* o mundo constituindo protocolos de testemunho ocular para a escrita das rubricas, novo alicerce da noção de real. As “Balas”, no entanto, constroem “a coisa vista”, ou melhor, imitam sua legitimidade, a partir de uma lente satírica, absorvendo seus protocolos em função da crítica do real não por seu testemunho, mas pela ficcionalização.

Em meio ao diálogo de Leão Velloso e Paranaguá, há duas ocorrências do termo ficção. Nelas, o sentido se aproxima da crença em uma situação em falso, ou ainda ao gosto do século XIX, do bordão “para inglês ver”, cumprir uma formalidade, sem grandes consequências efetivas na realidade. Isso é a chave para o que Zig-Zag entende como passível de ser criticado pelo ridículo, construindo uma sátira paródica da situação. Digna de bala de estalo é a função que cumpria a solenidade e seus envolvidos: produziam um discurso oficial que ditaria as principais intenções do governo, porém inócuo em termos de ação política e social. O problema fica latente na própria atribuição de responsabilidade pelo discurso: seria o posicionamento de uma comissão de ministros, do Imperador, do IHGB ou ainda de terceiros hábeis em retórica?

---

<sup>84</sup> Zig-Zag. Balas de estalo. *Gazeta de Noticias*. Rio de Janeiro, 1º de mai. de 1883, p.2.

<sup>85</sup> Fala do Trono. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 4 de mai. de 1883, p.1.

O sentido de ficção pode ter inspirado uma leitura compartilhada por colegas da rubrica que vão abordar a Fala do Trono. Três balas consecutivas farão o uso da ficção, não apenas como a metáfora para o ridículo da situação, mas enquanto modo textual de elaboração da crítica. As “Balas de estalo” produzem uma paródia do que seria testemunhado, porém com as lentes bifocais satíricas da rubrica, contrapondo o regime da coisa vista, factual, com a ficção. A bala de Lélío sobre a ação heroica na Camisaria Especial foi avaliada por sua incorreção diante do que seria testemunhável na loja do Sribber, podendo-se vislumbrar nessa reação certa cobrança posta para o discurso jornalístico em torno do compromisso com o factual, com aquilo que pode ser visto. Com as “Balas de estalo”, a ficção no âmbito do jornal, como deve ser entendida e mobilizada, ganha outros matizes.

Os conflitos dos personagens em cena na bala também são dignos do ridículo, pois a pressão pelo efeito retórico subjuga mesmo as suas propostas. A retórica e a aparência dominam a elaboração dos Ministros para a Fala do Trono, que chegam a interromper o andamento da tarefa para se deter em detalhes insignificantes, como se preocupar com maiúscula em palavras que se referem ao Imperador. Ao final da morosa leitura do projeto de Velloso, sem se ter chegado a um resultado satisfatório, os ministros acordam em deixar que alguém que “sabe disto de letras” diga melhor que eles próprios o que fizeram e almejam fazer.

A abolição do sistema escravista, tema caro à *Gazeta de Noticias*, e problema social de primeira ordem, figura na paródia à proposta de Fala do Trono da forma mais desacreditada possível; quase de mau gosto, na verdade, dando a tônica do quanto aqueles jornalista estavam fatigados de ver a questão tangenciada, preterida pelos augustos e digníssimos representantes da nação. A referência à abolição vem pelo significante negro, que no contexto é adjetivo para o pior tipo de vômito decorrente das febres. Porém não passa disso, o autor da proposta apenas lembra que negro pode ser associado à escravidão e delega ao Imperador a responsabilidade de abordar o problema.

No dia seguinte, Lulu Sênior continua parodiando as conferências ministeriais de modo ainda mais bufo, mais inclinado à ridicularização e ao rebaixamento do objeto satirizado:

A conferência de ontem teve o aspecto animado e cheio de verve de um enterro pobre em dia de chuva.

O Sr. Moura, que estava meio morno, trepou para cima da mesa, meteu-se numa bandeja, descansou a mão esquerda no quadril correspondente, estendeu o braço direito em semi-flexão, e, amuado, fez bico, como criança que quer chorar.

Vendo-o assim, o Sr. Henrique Francisco, que é uma boa alma, pergunta-lhe:



— O que tens, João Ferreira?

— Estou fraco! estou fraco! Diz o Sr. Moura, parodiando as galinhas d'Angola.

— Isso deve ser falta de erva.

E o Sr. Henrique Francisco acha graça, dá uma gargalhada que faz estremecer a agricultura, o comércio e as obras públicas; e olha em redor, a ver se os circunstantes compreenderam o espírito. Está tudo sério, à exceção de uma única figura risonha: mas essa não conta porque é sempre assim.

O Sr. Henrique Francisco, que sabe com quem lida, compreende que os outros móveis do gabinete não compreenderam e repete a pilhéria:

— Ó, Lourenço, o João diz que está fraco e eu respondi-lhe logo que há de ser falta de erva.

E torna a rir-se, e fita ansiosamente o colega, a ver se se lhe contraem no rosto os músculos da gargalheira.

O Sr. LOURENÇO (*finalmente, diplomático*). – Tem muita graça. (*Ri amarelo.*)

O Sr. HENRIQUE FRANCISCO. – Ó Lustosa, o João diz que está fraco, e eu...

O Sr. LUSTOSA. – Eu já tinha entendido. (*Sinais de admiração em todas as fisionomias.*)

O Sr. MOURA. – Estou fraco! estou fraco!

O Sr. LUSTOSA. – E nós? Imagina que nós estamos muito fortes?

O Sr. LEÃO. – Se metêssemos na fala do trono algumas palavrinhas sobre a abolição?...

O Sr. JOÃO FLORENTINO. – Eu o que queria era fazer alguma coisa antes de sair do poder, para quebrar a castanha na boca do Souza.

O Sr. LUSTOSA. – Que Souza?

O Sr. JOÃO FLORENTINO. – Ora, que Souza! O da lista tríplice. O Souza...

O Sr. HENRIQUE FRANCISCO – É a tal cousa! (*ri-se a arrebrantar o cós das calças*).

O Sr. CARLOS (*desperta e rapa do chanfalho*). O inimigo! Onde está o inimigo?

O Sr. MOURA. – Estou fraco! estou fraco!

O Sr. LUSTOSA. – A deputação baiana na oposição...

O Sr. HENRIQUE FRANCISCO. – Quem é que faz caso de baiano!... É gentinha que nem sabe montar a cavalo.

O Sr. LEÃO. – Olá, seu gaúcho, quando falar em baiano, limpe os beiços...

O Sr. MOURA (*muito agitado*). Estou fraco! estou fraco!

O Sr. LUSTOSA. – O Ruy é o cabeça. E que cabeça!... O Manuel Pinto [ilegível] inimigo.

O Sr. CARLOS (*brandindo o chanfalho*). – O inimigo? onde está o inimigo?

(*Entorna o Sr. Moura. A confusão é geral. Trazem erva e água a ferver, e tornam a por o Sr. Moura na sua bandeja, bem abafado*).

O Sr. HENRIQUE FRANCISCO. – A guerra ia dando cabo da justiça. (*Os outros que não estão para pilhérias, ficam sérios como potes*) Baianos!.....

O Sr. MOURA. – Estou fraco! estou fraco!

O Sr. HENRIQUE FRANCISCO. – Não há por aí um pedaço de baeta?

O Sr. FLORENTINO. – Cá está o Carlos, que é mineiro. (*À parte*) Agora tive mais graça que o Henrique Francisco.

(*Pegam no Sr. Carlos e deitam-no em cima do Sr. Moura, para o não deixar esfriar.*)

O Sr. FLORENTINO. – Eu que queria era fazer alguma coisa antes de sair do ministério...

O Sr. LUSTOSA. – Se eu fosse ministro mais dois anos, meu genro...

O Sr. LEÃO. – Ó, seu Lustosa, não se esqueça de meter na fala do trono que eu reformei a escola de medicina, fazendo todos os lentes comendadores...

O Sr. MOURA (*começando a ferver*). – Estou fraco! estou fraco!

O Sr. HENRIQUE FRANCISCO. – Ó homem! encham o Moura de erva, a ver se ele cala o bico! (*já não tem esperança de fazer rir os baianos, que não lhe acham sal nem pimenta...*)

O Sr. CARLOS. – O inimigo! onde está o inimigo? (*destampa Sr. Moura, que começa a deitar fumaça e tenentes-coronéis.*)

O Sr. LUSTOSA. – Senhores, a fala...

O Sr. LEÃO. – A fala é comigo.  
O Sr. CARLOS. – O inimigo? onde está o inimigo? (*esgrime com os tenentes-coronéis do Sr. Moura.*)  
O Sr. FLORENTINO. – Eu o que queria era fazer alguma coisa...  
O Sr. LUSTOSA. – Vou pedir a fala ao meu querido e caro (*suspirando*) e caro professor de retórica...  
O Sr. HENRIQUE FRANCISCO – Peça-a à Musa do Povo.  
O Sr. FLORENTINO. – Apoiado. Eu sou apreciador. Todas as manhãs é o meu café.  
O Sr. LEÃO. – Eu corto todos os números e mando para a Bahia.  
O Sr. FLORENTINO. – Tenho uma ideia! (*Os outros desmaiam, o Sr. Florentino fá-los voltar a si, despejando lhes o Sr. Moura em cima.*) Vou mandar adotar a Musa do Povo em todos os estabelecimentos de instrução de marinha. E tenho assim uma ocasião para fazer alguma coisa. E agora (*dirigindo-se ao fantasma do Sr. Souza, que está no frontispício da casa*) e agora  
Sombra implacável, pavoroso espectro,  
Não me persigas mais, Constança...  
O Sr. MOURA. – Estou fraco!  
O Sr. LUSTOSA. – E a fala?  
O Sr. LEÃO. – Seu Lustosa está com a fala no bucho... Se fosse comigo...  
O Sr. CARLOS. – O inimigo? onde está o inimigo? (*torna a bater no Sr. Moura. Este faz um esforço sobre si, e pinga um tenente-coronel para o Saco do Alferes.*)  
O Sr. MOURA. – (*no último arranço*) Estou fraco!  
O Sr. LUSTOSA (*vendo-o dar à casca*) Hodie mihi, cras tibi.  
O Sr. HENRIQUE FRANCISCO. – Eu é que não caio sem haver mais um despacho. Quero dizer ao homem das barbas que hoje, quando o Moura disse que estava fraco, eu disse logo que era falta de erva.  
O Sr. LEÃO – Vai para lá! Ele responde-te como de costume...  
O Sr. HENRIQUE FRANCISCO. – Se ele responder já sei, já sei... eu demito-o, e vou para o Rio Grande proclamar a república. Não, que eu não gosto que ninguém tome chá de garfo comigo.  
O Sr. CARLOS (*arquejando*). – O inimigo? Onde está o inimigo?  
O Sr. LUSTOSA. – Eu acho que não devemos fazer fala. A verdadeira fala do trono é cada um em sua casa com a mulher e seus filhos.  
*O taquígrafo das conferências*<sup>86</sup>

O peso do ridículo recai sobre os personagens. Cada ministro parece mais preocupado com a parte que lhe cabe na Fala ou com seus conflitos internos com os colegas de ministério, do que em executar a tarefa que os reunia ali. Isso deixa a cena intencionalmente desgrenhada, pois interesses pessoais se sobrepõem aos interesses da reunião pública (que por seu turno, é também de interesse reduzido para a vida social de fato). Assim, há um efeito de confusa descontinuidade entre as falas, as quais deixam de configurar uma possibilidade de evolução da cena ou mesmo de coerência entre os diálogos. A abolição, por exemplo, mais uma vez, é suscitada, porém sem qualquer reverberação. O movimento de expectativa é descendente e frustrado: a bala acaba, como a de Zig-Zag no dia anterior, sem que os personagens tenham aberto no mínimo um debate coerente em torno do conteúdo da Fala do Trono. O próprio debate, enquanto um gênero discursivo oral, é parodiado pela bala.

<sup>86</sup> Lulu Sênior. Balas de estalo. *Gazeta de Noticias*. Rio de Janeiro, 2 de mai. de 1883, p.2.

Elementos alegorizantes e da ordem do absurdo compõem ações e trejeitos que caracterizam os personagens. Moura, por exemplo, se comporta como uma galinha d'angola em ebulição e expele tenentes coronéis; as gargalhadas de Henrique Francisco estremecem instituições abstratas (a agricultura, o comércio e as obras públicas). A forma da bala faz lembrar uma paródia de um *vaudeville* – diga-se de passagem, Ferreira de Araújo escreveu vários dramas e comédias. Outra referência ao teatro é a citação à frase inicial do drama de João Baptista Gomes Junior, *Nova Castro*, quando Florentino quer enxotar o fantasma de Sousa. Com frequência, estratégias da dramaturgia são especialmente caras aos baleiros, de sorte que referências teatrais e linguagem cênica também estruturam a compreensão da realidade pelo viés das “Balas” e constituem sua construção do ficcional.

O modo como é assinada a bala de Lulu Sênior concretiza ainda mais o apelo à coisa vista. O baleiro coloca-se na posição de “taquígrafo das conferências”, aquele que está de corpo presente e, por meio de transcrição, dá seu testemunho. Quanto mais concretiza sua posição, ainda mais se vale do sarcasmo e do absurdo. Quanto mais se vale do alicerce jornalístico de reproduzir a verdade, os fatos, mais esse alicerce é perpassado pela ficcionalização. Há uma disjunção entre o trabalho do taquígrafo que daria a transcrição da realidade, do evento que presenciou, e aquilo que é transcrito, uma conferência à moda de um roteiro de comédia. O efeito da crítica fica potencializado. Não se trata de reproduzir a realidade, mas responder a ela sarcasticamente.

Entre as balas de Lulu e Zig-Zag em torno da Fala do Trono e aquela de Lélío em torno do apedido de Sriber há um movimento oposto, baseado no efeito humorístico-crítico de inadequação entre forma e conteúdo. Se Lélío se utiliza da elevação épica para representar o gesto trivial da devolução de um troco dado a mais, Lulu e Zig-Zag se valem das mais altas figuras da vida política brasileira para rebaixá-las à comédia desgrenhada. Conhecer as expectativas em torno do que é parodiado nas formas alto-baixo é fundamental para compreender os efeitos desses artigos humorísticos e seu modo de intervir na realidade.

Na quinta-feira (03 de maio), dia em que a Fala do Trono seria proferida à tarde, Décio assina sua bala de estalo parodiando, dessa vez, a própria Fala do Trono. Diz tê-la recebido em primeira mão, assim transcrevendo-a aos leitores:

Depois de duas longas conferências ministeriais, em que vazou-se do Sr. Moura toda a eloquência, do Sr. C. Affonso toda a impertinência e do Sr. Paranaguá toda a prudência, foi afinal resolvido que se aceitasse o projeto da *Fala* do trono apresentado por este último e fornecido pelo seu genro, o ilustre Sr. conselheiro Doria.

Fomos honrados com uma cópia, que agradecemos beijando as mãos de Quem no-la forneceu. Não seremos indiscretos pronunciando seu nome; apenas lembraremos aos leitores, que eles vão possuir, com algumas horas de antecedência, a bela retórica de um ilustre parlamentar, destinada a ser produzida em público por entre os papos de tucanos e subseqüentes calções de meia.

É esta a *Fala*:

—  
“Augustos e digníssimos da nação representantes.

Devo dizer-vos, em antes desta coisa começar, que são para mim felicíssimos, muito gratos, os instantes em que vos venho falar.

—  
A nossa camaradagem com os vizinhos do Prata continua a boa aragem, viva e doce a bafejar. Esta amizade sensata, que em boas bases repousa, atacar Alguém não ousa, nem de leve perturbar.

Apenas em Passo Hondo houve um pequeno *sarceiro*; aí mais de um brasileiro foi gravemente ferido. Mas havemos mil desculpas desses amáveis vizinhos; e, apesar dos pauzinhos, o réu Santos foi punido: primeiro sofreu processo, e depois sofreu... acesso, sendo logo promovido.

[...]

—  
É com prazer verdadeiro, e neste momento solene, que Vos digo prasentoiro quanto Me julgo feliz: a Minha Família, indene aos vários ataques da sorte, continua Boa e Forte, do mais velho até o petiz.

A febre tifoide grave, *id est*, a febre amarela, contra Mim e contra Ela nada fez, – nada de mais: a Minha prole direta é cada vez mais beata; o Meu genro – um bom magnata –, surdo, como jamais.

—  
A tranquilidade pública continua inalterada; foi-se de vez a república – não há mais o que temer. Apenas uma estralada nos campos do Paraná, por gente de *cacaracá* – estrangeiros, quero crer.

[...]

—  
Fizemos no intervalo da sessão parlamentar, com imenso resultado, um *negocinho* sem par: foi o finório Lustosa, sempre matreiro e mitrado, quem preparou os ajustes; e usando de mil embustes, pode o dinheiro arranjar.

[...]

—  
Quanto à pública saúde pouco Tenho a registrar: isso de epidemias e das demais endemias não são fatos de espantar.

Primeiro veio a varíola, após a febre amarela; esta atacou às deveras, *talqualmente* fez aquela.

Felizmente as providências em tempo foram tomadas; das pessoas que morreram todas foram vitimadas. As que puderam livrar-se do ataque da epidemia, tiveram propícia sorte: doente ninguém se via, ninguém pode ainda vivo – julgar-se presa da morte.

[...]

—  
Também temos uma nova muito grata a registrar: é d’instrução o congresso que vai breve se instalar. Da instrução os negócios, com fogo, com bem vontade, creio que com felicidade, havemos de decidir: os livros todos abaixo com bem certeza hão de vir... Aquilo vai ser o diacho! Hão de ver e hão de ouvir!

[...]

—  
A grande necessidade, em tempo a Mim sugerida e por Mim reconhecida de ter Conselho de Estado completo sem uma falta; fez-Me buscar ao senado alguns cidadãos bem idôneos (*idosos*, não somos errôneos) cuja ciência ressalta.

Mas olhem que neste mundo um homem, por mais profundo, não sabe com quem se mete! De toda aquela cambada só não me fez caçoada o meu fiel Lafayette! Cotegipe, Bonifacio, o tal Sr. Sinimbú, Otonni do crânio nu – esses pintaram-me o sete!

—  
Augustos representantes. Eu quisera continuar; se o Meu calção apertado, que o corpo traz-me archoado, me permitisse falar! Mas eu não posso sequer à vontade caminhar e se um esforço eu fizer, ele, o calção desalmado, é capaz de arrebentar.

Assim, pois, em bem da pátria, e exigências do calção, Eu declaro aos circunstantes, augustos representantes, que está aberta a sessão.”

—  
Está conforme o original, de que extraí cópia exata.<sup>87</sup>

Provavelmente, por ter acompanhado as conferências ministeriais que discutiram a Fala do Trono, e por ter muito contato com este gênero do discurso, Décio conseguiu fazer a sua paródia com diversos elementos que, na tarde do mesmo dia, seriam abordados pelo Imperador<sup>88</sup>, como a revolta no Paraná, as febres que atingiam a população, a questão do ensino público, o léxico, os recursos retóricos etc. Vários detalhes e temas foram prospectados também das conferências parodiadas e satirizadas na véspera por Lulu e Zig-Zag, como a recorrente pilhéria de a Fala ser atribuída a Franklin Doria, monarquista, professor de retórica do colégio Dom Pedro, deputado e genro de Paranaguá, o então primeiro ministro. O fato de Décio brincar com a prática da transcrição nesta “Bala” remete ainda ao paradigma da objetividade cada vez mais ascendente na redação dos diários de notícias.

Décio cria uma paródia facilmente identificável da Fala do Trono, porém adota a forma das tradicionais balas de estalo satíricas: toda vertida em redondilhas maiores, rimadas, em alguns momentos até com lapalissadas. O veio satírico das balas em verso está patente, sobretudo ao final, quando há a situação cômica em que a figura do Imperador é ridicularizada pelo aperto de seus calções – o ridículo de tamanha formalidade por tão pouca consequência efetiva para a vida política do país. A citação de muitos nomes conhecidos, alguns com apostrofo como “Lustosa, o meu bom Lustosa”, arranca a formalidade e a impessoalidade do discurso oficial parodiado, buscando expor suas entranhas de relações de interesses particulares, por sua vez autoironizado no início da bala quando os jornalistas da *Gazeta* agradecem a exclusividade de ter a Fala do Trono “beijando as mãos de Quem no-la forneceu”.

No dia seguinte, sexta-feira, quatro de maio, a Fala do Trono oficial foi transcrita na primeira página da *Gazeta*. Na página dois, o leitor encontrou nas “Balas de estalo” um comentário quase mal humorado sobre o evento. Zig-Zag, que no início da semana fizera uma paródia das comissões ministeriais, dessa vez não recorreu a nenhuma estratégia ficcional,

---

<sup>87</sup> Décio. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 de mai. de 1883, p.2

<sup>88</sup> Conferir transcrição da “Fala do Trono” oficial em ANEXO I neste trabalho.

nada parodiou ou satirizou. O pseudônimo repercutiu o conteúdo do discurso do Imperador de modo direto, porém com muitas frases irônicas:

Congratulamo-nos com o país, pela solene abertura do parlamento. O gostinho de se congratular num país constitucional não podia pertencer unicamente ao chefe do Estado.

Sua Majestade congratulou-se em letra maiúscula; nós congratulamo-nos em letra minúscula; mas nem por isso a nossa congratulação é de qualidade inferior.

As suas causas é que podem ser diversas.

[...]

A saúde pública deve estar pulando de alegria.

Nunca mais será perturbada, nem alterada.

Quem quiser acabar os seus dias numa terra em que se não morre senão de velhice, não tem mais do que procurar o Brasil. Até agora a saúde pública tinha achaques; às vezes chegava mesmo a ser má.

Daqui em diante a saúde pública será apenas uma saúde de ferro. A *Fala* diz que uma *administração da saúde pública* será eficaz contra as epidemias!

Quando, pois, vierem as epidemias, ninguém tem de chamar médico nem tomar precauções higiênicas – é atirar-lhe à cara com uma *administração eficaz*.

A *Fala* sentiu-se em ter de anunciar que o preço do café baixou; mas para logo, com aquele tirocínio de comércio que tanto a tem recomendado, a *Fala*, manifestou a esperança de que o café suba de preço com a cessação das *causas passageiras*.

À vista deste aviso, formulado tão nitidamente, tão cientificamente deduzido, o que o parlamento tem a fazer é unicamente, e já, decretar a anulação das *causas passageiras*.

Com um simples decreto como este:

Ficam anuladas as causas passageiras.

As rendas públicas tornarão a crescer e a inundar o tesouro de belas notas e sonoro metal luzidio.

Não há nada mais simples. Até aqui, o parlamento e toda a gente poderia hesitar acerca da qualidade das causas que prejudicavam o preço do café.

Ontem, porém, falou quem podia e quem sabia: ninguém tem já o direito de desconhecer o gênero de causas de que se trata. A Coroa afirmou que são *passageiras*. E está dita senão a última palavra, pelo menos a mais imperial de todas.

Também a questão da inconstitucionalidade dos impostos de importação decretados pelas assembleias provinciais, havia sido até hoje assunto de grande controvérsia.

O próprio governo não emitira opinião acerca dessa inconstitucionalidade, chegando a expedir o Sr. Enéas, para manter um imposto dessa ordem. Agora a *Fala* falou. Não há mais dúvida; os impostos de importação decretados pelas assembleias são inconstitucionais.

Se a *Fala* mandar o pai Enéas espingardear o povo, não deixa também de cumprir o seu dever – que é simplesmente *restaurar* a ordem, como na capital do Paraná.

Que essa restauração seja o reconhecimento de uma inconstitucionalidade, isso pouco importa. Depois vem a *Fala* e tudo explica como ontem<sup>89</sup>.

A ironia final, “Depois vem a *Fala* e tudo explica como ontem”, arremata o tom da bala e de sua crítica: Zig-Zag parece irritado com a profusão de expressões vazias e eufêmicas que nada explicam ou com pouco se comprometem – “administração eficaz”, “causas passageiras”, “restaurar a ordem”. Ainda mais por serem empregadas no discurso para prestar

---

<sup>89</sup> Zig-Zag. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 de mai. de 1883, p.2.

contas sobre temas caros à sociedade – saúde pública, impostos inconstitucionais, repressão violenta a manifestações políticas, alta no preço do principal produto de exportação. De certo modo, essa atitude oficial já era esperada, posto que vinha sendo satirizada a semana toda nas “Balas”: descaso, pouco comprometimento, justificativas circulares, redundantes e vazias. Esta é a chave do ridículo – já desgastado – que a bala comenta, o débil efeito humorístico fica por conta das ironias ao nível frasal. O termo comentário para definir o fazer dessa bala é preciso, pois nos informa o modo referencial e não-ficcional com que opera, diferentemente das antecedentes.

Mesmo para uma seção cuja finalidade seria a de ser um artigo humorístico do jornal, essa bala de Décio faz pensar sobre as possibilidades do humor dentro da própria seção. O que uma bala de estalo mal humorada diz sobre a constituição desse humor? Parte da resposta está justamente no desprendimento da prática do comentário e na adoção do ficcional pela paródia.

Abordagens coletivas de um mesmo tema, que mesclaram o ficcional com o âmbito do testemunho da realidade podem ser exemplificadas em outras ocasiões.

Entre dezembro de 1883 e janeiro de 1884, Valentim Magalhães, então autor da seção “Notas à margem” da *Gazeta de Noticias* e Silvio Romero, por meio da publicação de artigos na *Folha Nova*, entraram em acirrada polêmica de mote literário – ao menos inicialmente. Fizeram mutuamente avaliações pejorativas, tanto de seus livros de versos quanto da pessoa pública um do outro. O tom da discussão foi de destempero: de um lado, Magalhães usa de sarcasmo para atacar os versos de Romero, segundo ele de imagens tacanhas, métricas mal feitas, com um eu-lírico arrogante, tudo no maduro tom de quem faz o trocadilho “Últimos Arquejos” com o título do livro, “Últimos Arpejos”. De outro lado, Romero deslinda uma série de xingamentos a Magalhães, entre eles, burro, lambisgoia, besta, enguia, palhaço, sagui, macaco, bobo, lacração, escrivailleur, disentérico, idiota.

Em fevereiro<sup>90</sup>, a polêmica virou motivo de paródia satírica nas “Balas de estalo”. De início, Lulu Sênior e Zig-Zag, desconcertados com a impostura dos “debatedores”, escreveram balas em forma de comentário crítico condenando o modo de gestão da polêmicadissonante da “missão civilizatória” da imprensa. Porém, em seguida, Zig-Zag principiou uma polêmica literária com Lulu Sênior, parodiando Romero e Magalhães diretamente. Para tal, livros e versos fictícios de ambos foram inventados. Lulu Sênior

---

<sup>90</sup> Devo a possibilidade e a síntese desse exemplo a meu colega de pesquisa, Rodrigo Dias, que pesquisou, transcreveu e estudou a polêmica entre Magalhães e Romero e sua repercussão nas “Balas de estalo”.

correspondeu ao jogo, e por várias “Balas” a contenda foi desdobrada, sempre imitando e satirizando a descompostura dos colegas de jornalismo.

Meses adiante, em agosto de 1884, foi tempo de os baleiros se depararem com o auge de uma situação cada vez mais gritante na política. Diante das pressões abolicionistas de um lado, e das pressões escravocratas de outro, os discursos e atitudes tanto do ministério, sob o vulto da discussão da Lei dos Sexagenários, quanto daqueles que buscavam um lugar na Câmara dos Deputados, era de se esquivar de um posicionamento claro sobre a escravidão. Faziam-se malabarismos retóricos para sustentar ambiguidades como a de se repudiar a escravidão, porém não desejar seu fim imediato, com suas consequências. Em outras palavras, os discursos políticos tentavam atacar o coração de eleitorados inabarcáveis simultaneamente: os interesses da lavoura e os clamores abolicionistas. Esse clima geral se materializou nos discursos e nas circulares eleitorais dos candidatos à Câmara dos Deputados. Assim, as “Balas de estalo” entraram a parodiar, numa construção coletiva, a cena política esquizofrênica de conciliação de interesses antagônicos em torno da escravidão<sup>91</sup>.

No dia 4 de abril, Lélío divide com os leitores as dificuldades de fazer uma profissão de fé e apresentar seu programa político, visto que, de supetão, se lembrou de concorrer à Câmara. A bala responde ao mesmo tempo à prática do comentário de um certo tema (no caso as “agruras” da cena política) e à fantasia em torno da situação fictícia (sua candidatura). Aqui, Machado simula uma personalidade ingênua para o pseudônimo, fazendo dela um dos elementos de ironia da bala. Lélío comenta possíveis modelos para seu programa:

Eu podia, à semelhança de um candidato inglês, em 1869, fazer este pequeno *speech*: “Quero a liberdade política, e por isso sou liberal; mas para ter a liberdade política é preciso conservar a constituição, e por isso sou conservador”. Mas além de copiá-lo, se apresentasse um tal programa (o que não fica bem), não sei se essas poucas linhas, que parecem um paradoxo, não são antes (comparada com as nossas coisas) um truísmo.

[...]

Resta, porém, a questão do momento, o projeto do governo, a liberdade dos 60 anos, com ou sem indenização [...]. Sobre esse ponto confesso que estive sem saber como explicar-me, até que li a circular de um distinto deputado, candidato a um lugar de senador: “Quanto à questão servil, já expedi o meu modo de pensar em dois folhetos que publiquei, um sobre a baixa do açúcar, outro sobre a colonização”.<sup>92</sup>

O distinto candidato tratava-se de Manuel Rodrigues Peixoto, e sua circular de fato se esquivava de tomar uma posição peremptória (ou pelo menos ter o tom de uma). Sobre a

---

<sup>91</sup> Também a possibilidade dessa síntese e exemplo se deve a pesquisadora Ana Flávia Cernic Ramos. Para uma discussão detalhada desse contexto, conferir a seção I “Ser e não ser na política imperial” de sua tese de doutorado (2010).

<sup>92</sup> Lélío. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 de ago. de 1884, p. 2.



escravidão afirmava: “Não sou neste terreno dos mais adiantados, mas entendo que será um grave erro ficar estacionário. [...] amante da liberdade [...], mas patriota [...] filiado à lavoura, como estou, procurarei conciliar os interesses do estado e dos particulares com os direitos absolutos do homem”<sup>93</sup>. Esse discurso foi tematizado em diversas seções da *Gazeta*, desde a “Crônica da semana”, passando pelas “Notas à Margem”, até as “Balas de estalo”. A abordagem de todas foi irônica e galhofeira, porém apenas as “Balas de estalo” brincaram com o próprio gênero “circular eleitoral”. Zig-Zag e Lulu Sênior deram ao público suas próprias circulares eleitorais, pois, à maneira de Lélío, decidiram-se por concorrer às eleições. O leitor reconheceria facilmente nas circulares de ambos uma paródia da circular de Peixoto, feitas com verve satírica, se valendo dos mesmos temas, trejeitos e posições, porém com acréscimo de um cinismo acentuado.

Assim, sazonalmente, os pseudônimos das “Balas de estalo” pareciam se transformar em personagens da *Gazeta de Notícias*, ora candidatos das eleições, ora literatos em polêmica, ora taquígrafos das ocasiões solenes. Transitavam entre a ficção criativa e a construção da realidade com suas representações, entre parodiar satirizando e comentar, com um fim na crítica e no efeito humorístico.

No sistema do jornal, tais dispositivos, no entanto, aparecem com importantes dominâncias nas seções, o que participa na constituição de funções dentro do próprio jornal. Por exemplo: a dominância do registro ficcional nos romances-folhetins e nos contos publicados é evidente. Assim como é evidente a dominância do registro referencial em notícias e artigos de fundo, os quais têm o intuito de informar e debater a informação. As “Balas de estalo” embaçam esses limites e isso faz parte de sua constituição, de uma seção que, nem se esperava que fosse totalmente ficcional, nem se esperava que fosse apenas referencial, informativa.

A recorrência com que os baleiros sentiram-se autorizados a lançar mão de recursos literários, e sobretudo para o que estamos estudando aqui, da paródia de outros gêneros, nos faz pensar que seus leitores deveriam estar sempre preparados para uma multiplicidade de leituras: eram “Balas de estalo”, mas imitavam a Fala do Trono, as comissões ministeriais, as polêmicas, as circulares etc. Referiam algo de uma realidade compartilhada por muitos, mas ao mesmo tempo criavam efeitos de humor e fantasia em cima de valores que não existiam em si – a Fala do Trono não era em si ridícula ou cômica, tampouco o apedido do comerciante

---

<sup>93</sup> RAMOS, 2010, pp.244-245.

de camisas, antes pelo contrário, suas pretensões eram o oposto disso. Em um sentido amplo, no diálogo com o fazer jornalístico de seu tempo, as “Balas” transmudaram a prosaica prática do comentário a um patamar criativo singular.

## **Epílogo – vontade de “Balas”; vontade de quê?**

Cada seção deste trabalho, a partir de entradas distintas, discutiu de que modo a singularidade de se fazer “Balas de estalo” responde a dispositivos que as antecedem e fazem parte de sua produção. Buscamos exceder um estudo circunscrito ao interior da rubrica e à prosa de seus autores para ir ao encontro de algumas condições de sua multiplicação, mas também dos limites de seu dizer. Entre outras visadas, assinalamos uma sintonia entre as práticas e o projeto de “Balas de estalo” e a poética editorial da *Gazeta de Notícias*, numa relação em que as “Balas” radicalizam sua inclinação ao humor e à crítica política. A seção talvez ainda tenha dado corpo a um conflito que não aparece enquanto tal para o diário e seus agentes, mas que surgiria quando da luta por significar as práticas da imprensa no âmbito da própria imprensa. Trata-se do conflito entre as estratégias assentadas na lógica do capital comercial e as estratégias de sustentação de uma missão para a prática jornalística.

Nas “Balas de estalo”, assoma a imbricação de duas vontades na construção da missão jornalística. Há a herança moralizadora legada pela apropriação de um gênero da imprensa brasileira, os versos satíricos de balas de estalo, associados ao *ridendo castigat mores*. Essa herança veicula um processo de subjetivação, ou seja, funciona enquanto um dispositivo que produz sujeitos: os baleiros estão comprometidos com a vontade de ocupar certa posição, a dos sujeitos aptos a denunciar o ridículo, de fazer crítica social pelo riso, por uma estratégia de autolegitimação já carregada de sentidos.

Há ainda outra vontade, também devedora do chão histórico brasileiro. Como vimos com Alonso, a partir da geração de 1870, há uma demanda social por dar expressão às inconformidades frente ao *status quo* político-imperial. Nesse movimento, condições estruturais para uma imprensa mais autônoma começam a ganhar força. Um marco disso foi a *Gazeta de Notícias*. Ao longo do trabalho, vimos o quanto as seções da *Gazeta de Notícias* se ocuparam de assuntos que concerniam ao governo da coisa pública, daquilo que se queria afirmar e exigir com o *status* de interesse público: o monopólio da violência, as leis, a saúde, a educação, os problemas do espaço urbano, o sistema de governo, os direitos civis etc. Assim, suas propostas para o fazer jornalístico também exprimem a vontade de afirmar uma

esfera pública de circulação e debate dos discursos, das ideias, das ações, dos projetos para o Brasil.

Não entraremos na discussão do âmbito de classe do conceito de Jürgen Habermas<sup>94</sup> de esfera pública *burguesa*. Tampouco estamos interessados em discutir a viabilidade dessa esfera numa relação preocupada em denunciar a suposta precariedade das condições brasileiras frente aos índices materiais das metrópoles do centro do capitalismo do XIX. Nossa leitura, embasada na revisão crítica de Simon Susan (2011) do trabalho de Habermas, *Critical Notes on Habermas's Theory of the Public Sphere*, é a de que não existe *um* jeito de considerar a formação e manutenção de um espaço público, ou seja, não é possível reduzir um padrão tipológico universal para a dicotomia público-privado. Diferentes sociedades produzem diferentes formas de vida pública e privada. Assim como as contingências materiais e ideológicas específicas de cada sociedade sustentam essa dicotomia, também as diferentes representações discursivas que a simbolizam produzem e negociam os sentidos de uma esfera pública em uma dada sociedade. Com isso pensamos estar em conformidade com o próprio Habermas, que, ao fundamentar a ideia de uma esfera pública burguesa, precisou pensá-la em suas diferenças em relação ao que seria a esfera pública na Grécia Antiga, por exemplo.

De todo modo, alguns pontos importantes daquilo que Habermas identificou como constituintes da esfera pública burguesa do XVIII e XIX colaboram para o entendimento da *vontade de afirmar uma esfera pública* no Brasil enquanto simbolizada nas práticas da *Gazeta* e, nela, por suas “Balas de estalo”. Sobretudo, as estruturas da esfera pública burguesa promoveriam um engajamento civil nos processos comunicativos de opinião e crítica. Trata-se de sua “razão comunicativa” ou “racionalidade comunicativa”<sup>95</sup> pela qual os sujeitos se organizam para atuar como controladores críticos do Estado e da própria esfera pública, posicionando-se como força legítima de mediação e regulação. Um tipo específico de sociabilidade que cria espaços de solidariedade, mas também um âmbito de crítica mútua. Ou seja, a vontade de estabelecimento de uma esfera localizada como pública cujo princípio fundamental é o de reconhecer legitimidade apenas àquilo que pode ser objeto de escrutínio da própria esfera pública, produzindo a possibilidade de questionamento de formas arbitrárias de poder, mesmo das experiências cotidianas mais naturalizadas. Seria um dispositivo para o

---

<sup>94</sup> HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública*. Tradução de Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

<sup>95</sup> SUSEN, Simon. *Critical Notes on Habermas's Theory of the Public Sphere*. *Sociological analysis*, Londres, v. 5, n. 1, pp. 37-62, fev. 2011, Volume 5, Número 1., 2011.

qual a única certeza é a de que nada pode ser dado por certo<sup>96</sup>, e assim, tudo deve ser passível de crítica pública, socialmente interdependente, porém autônoma, sendo a publicidade o próprio fundamento de sua legitimidade.

Quase cada um dos termos dessa descrição, porém, engendra uma contradição, especialmente no âmbito da universalidade do acesso a esse “fórum” público e do acesso aos meios simbólicos para nele atuar. No entanto, isso não anula a possibilidade de desejá-lo e simbolizá-lo enquanto tal. E é nesse sentido que pensamos as práticas da *Gazeta* e das “Balas” como tentativas de construção desse dispositivo e dessa racionalidade crítica-comunicativa. Como expressão de uma vontade por um contra-poder político não oficial, especialmente em um momento em que as formas oficiais de propor a gestão da coisa pública eram ocupadas e acessíveis a criaturas como o deputado miolo-mole João Penido ou o conciliador de interesses humanitários e escravocratas, Manuel Rodrigues Peixoto.

Lembremos a expressão amarga do conservador *O Apostolo*, discutida na primeira seção, ao criticar a *Gazeta de Noticias* e suas “Balas de estalo” por usar das palavras do ridículo *contra tudo e contra todos*. Ou ainda a pretensão da rubrica, expressada por seu colaborador, José do Egito, de: “estalar balas com os homens e com as instituições que (in)felizmente nos regem”, “piparotear o nariz dos ridículos – para regalo dos leitores e maior ridículo dos narizes”, “ferir a pança de um tiranete, derrubar o penacho de um vaidoso”. Do Imperador e seus ministros aos postulantes à Câmara, dos colegas polemistas aos anunciantes oportunistas, da moral católica à moral burguesa, quase nada escapou ao furor crítico dos baleiros. E no que dependesse de Machado de Assis, com aquele movimento no canto da boca, feição própria dos cétricos e desabusados, sequer suas pretensões de jornalistas ficaram incólumes.

Em diversas oportunidades, Machado dissimulou, na figura de Lélío, uma posição um tanto crente e ingênua na missão de jornalista comprometido com a verdade. No final de 1884 e início de 1885, diversos jornais do Rio de Janeiro – *A Semana*, *O Paiz*, *O Mequetrefe*, a *Gazeta de Noticias* –, a partir de uma notícia publicada no *Jornal do Commercio*, comentaram e debateram o caso de Castro Malta ou “Caso Malta”<sup>97</sup>. João Alves Castro Malta fora preso, em novembro de 1884, acusado de vadiagem, e, desde então, desaparecera. Os jornais

---

<sup>96</sup> Ibid., p. 46.

<sup>97</sup> A discussão que apresentamos a seguir é revisão de parte dos argumentos apresentados no artigo: BERGAMINI, Atilio; TATIM, Janaína. Machado de Assis no tabuleiro das 'Balas de estalo'. *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 55, p. 33-53, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/42399>>. Acesso em 17 nov. 2014.

pediram explicações às autoridades, especialmente quando apareceu no obituário oficial o nome de João Alves Castro Mattos. A partir daí se desdobrou uma série de idas e vindas no processo, com exumações de corpos por comissões de médicos ilustres, até que as autoridades o encerrassem abruptamente. Ana Flávia Cernic Ramos reconstituiu o acontecido: na versão oficial, Malta fora enterrado na vala 143, mas, com a exumação, nem a família, nem funcionários da funerária reconheceram o corpo. Abriram-se trinta e três outras valas, mas em vão. Por fim, o médico legista afirmou que o corpo encontrado na vala 143 era de Malta<sup>98</sup>. No auge do escrutínio que a imprensa impingia ao Caso, Lélío resolve dar sua contribuição:

Castro Malta? Perguntaram-me os vermes.

- Sim, Castro Malta... Uns dizem que ele morreu, outros que não; afirma-se que está enterrado e desenterrado; que faleceu de uma doença, se não foi de outra. Então lembrou-me vir aqui ao cemitério a estas horas mortas, para interrogá-los e para que me digam francamente se ele aqui esteve ou está, e...

Os vermes riram às bandeiras despregadas; eu, menos vexado que medroso, pedi-lhes desculpa, declarando que só o amor da verdade me obriga a fazer o que estava fazendo.

- Não pense que estamos mofando do senhor, respondeu um dos vermes mais graúdos. Castro Malta é o nome – do homem?

- Justamente. Onde está ele?

- *Alas, poor Yorick!* não podemos saber nada; isto cá embaixo é tudo anônimo. Ninguém aqui se chama coisa nenhuma. César ou João Fernandes é para nós o mesmo jantar. Não estremeças de horror, meu filho. Castro Malta? Não temos matrículas nem pias de batismo. Pode ser que ele esteja por aí, pode ser também que não; mas lá jurar é que não juramos...

- Mas então...? Não, não creio.

- Não crê! Exclamaram eles em coro rindo; não crê!

- E por que é que não crê? Redarguiu o graúdo. Que interesse temos nós em lhe mentir? Não distinguimos nomes, nem caras, nem opiniões, quaisquer que sejam, políticas e não políticas. Olhe, vocês às vezes batem-se nas eleições e morrem alguns. Cá embaixo, como ninguém opina, limitam-se todos a ser igualmente devorados, e o sabor é o mesmo. Às vezes o liberal é melhor que o conservador; outras vezes é o contrário: questão de idade. Os vermes (não os deuses, como diziam os antigos) os vermes amam os que morrem moços. Você porque é que não fica hoje mesmo por aqui?

- Lisonjeiro! Não posso; tenho que fazer.

- Deixe-se de imposturas!

- Não, palavra. Vou saber se a Erva Homericiana é da Sibéria ou da Prússia. Dá-se com esta o mesmo que se dá com Castro Malta...

- Está e não está enterrado!

- Não...

- Então, é ela mesma que enterra os outros...

- Segundo o Sousa Lima; mas, segundo o Bertini, desenterra.

- *Esse et non esse.*

- Vocês sabem latim?

- Se lhe parece! Comemos todo o povo romano. Mas então a tal erva...

- Diz uma revista prussiana que é da Prússia, mas um atestado austríaco diz que é da Sibéria... Tal qual o Rodrigues.

- Outro defunto?

- Justamente, outro defunto, opinião de Teodoro. Tudo vai assim cá por cima; cada coisa é e não é ao mesmo tempo. Quantos deputados há favoráveis ao projeto

---

<sup>98</sup> RAMOS, 2010, p. 187

Dantas? Perguntei a um vizinho da esquerda, e ele disse-me que 36, e citou os nomes; falei a outro da direita, e respondeu-me que 16, e citou também os nomes...

- Está vendo? E você ainda nos pede nomes de defuntos! Pois se os de gente viva andam da direita para a esquerda e de cima para baixo, como usá-los aqui, onde não há câmaras, nem governo, nem projetos, onde tudo é livre e mais que livre? Vá, meu amigo! Boa noite; ouviu? Boa noite, até à vista, e que seja breve<sup>99</sup>.

Os vermes se posicionam em relação a Lélío a partir de uma postura que suprime qualquer singularidade ou diferença, à medida que tudo devoram indiferentemente. A supressão da diferença, que se pretende liberdade e verdade, faz vizinhança quase cínica com o relativismo mais extremo (“Está e não está enterrado!”). Ao jornalista resta interrogar os vermes, última consequência de não haver condições institucionais para o estabelecimento de uma perspectiva que, com base em indícios, afirmasse e julgasse quem matou Castro Malta, onde o enterrou etc. Do juiz ao policial, do jornalista ao médico, estão todos comprometidos com a falsificação, que passa, então, a determinar as formas de elaboração do terror, do assassinato e da tortura contra os pobres (mas só os vadios...). Da parte da polícia, não havia interesse algum em apurar os fatos, mas em encobri-los e deturpá-los. Da parte da imprensa, gestava-se a comoção pública e uma (auto)imagem heroico-justiceira em torno da apuração do caso. O assunto virou mercadoria nos jornais e isso veio ser alvo de crítica das “Balas de estalo”, segundo o ponto de vista de diversos baleiros<sup>100</sup>.

A estratégia do texto de Lélío mobiliza máximas “universais” como mediação para analisar o desastroso pacto social dos bons homens fluminenses, concatenadas no simbolismo da morte como fim igualador e impreterível, como perspectiva eterna, distante e indiferente às lutas e dores humanas. Na bala, essas máximas “universais”, da ordem de um saber metafísico sobre a vida, interpelam os acontecimentos brasileiros, em um cruzamento de perspectivas ao mesmo tempo familiares e estranhas. Tal método foi identificado na prosa machadiana por K. David Jackson como ponto de vista do eterno. Um ponto de vista metafórico para “abrir a maior distância possível entre autor e situação, de maneira que a narração pareça sair do polo oposto das minúcias do mundo social”<sup>101</sup> – exatamente o posicionamento dos vermes, alheios aos pontos de vista implicados nos dilemas do momento (autoridades policiais e médicas, jornalistas, políticos, homens de letras, leitores dos jornais), todos eles criticados pelo humor do texto. A posição de desconcerto do prosaico e ingênuo colaborador da *Gazeta* diante da

---

<sup>99</sup> Lélío. Balas de estalo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de dez. de 1884, p.2.

<sup>100</sup> Cf. BERGAMINI, Atilio; TATIM, Janaína. Machado de Assis no tabuleiro das 'Balas de estalo'. *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 55, p. 33-53, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/42399>>. Acesso em 17 nov. 2014.

<sup>101</sup> JACKSON, K. David. A modernidade do eterno em Machado de Assis. In: *Machado de Assis e a crítica internacional*. Organização Benedito Antunes e Sérgio Vicente Motta. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 59.

impossibilidade de se estabelecer a verdade fica sobre base instável no texto, pois, em um nível, ironiza o bordão atribuído ao ministro Lafayette Rodrigues, “pode ser que sim, pode ser que não”, frente à questão da libertação dos escravos; em outro nível, a frase, por seu desdobramento para várias situações da vida pública, acabou se transformando em uma peça retórica a organizar e conformar o entendimento – ou a impossibilidade de entendimento – das coisas.

Há um contraste entre a inteligência prática e um tanto cínica dos roedores de cadáver e a (forçadamente) ingênua posição jornalística de Lélío, para quem “só o amor da verdade” obrigava a ir ter com os vermes. Levadas ao extremo, as falas dos vermes, principalmente do mais graúdo, talvez um chiste com a figura roliça de Ferreira de Araújo, fazem lembrar a posição que a própria *Gazeta de Notícias* reivindicava, isto é, uma posição apartidária e autônoma, justificado no interesse de (in)formar a opinião pública – “Que interesse temos nós em lhe mentir? Não distinguimos nomes, nem caras, nem opiniões, quaisquer que sejam, políticas e não políticas”.

As “Balas” se inseriam nas lutas pela legitimação do jornal e dos modos de fazê-lo. Machado se viu preocupado pessoalmente, já que fora censurado por ser funcionário público e ao mesmo tempo colaborador de uma rubrica de caráter combativo, crítica do governo, “rebaixada”, popularesca. Por sua vez, a *Gazeta* precisava rebater acusações por se voltar ao mercado e ao lucro, e ainda debater com o jornalismo conservador, oficialista, emancipacionista, republicano radical, monárquico...

Entrecruzada por essas tensões, a ironia da bala propõe uma radical instabilidade de sentidos. Que legitimidade como enunciadores podem ter vermes e o que eles dizem? E, Lélío, uma personagem ostensivamente ingênua, que assegura ter ido ao cemitério “só [por] amor da verdade”? E a evocação que faz Lélío da representação feita pelos jornais de sua atividade de revirar assuntos e túmulos: seria mesmo a verdade que o “obrigava a fazer o que estava fazendo”? Essa perspectiva paradoxal – nem só universalista, nem só ligada ao cotidiano brasileiro – e cética é característica da inserção de Machado no projeto coletivo de humor das “Balas”. Em relação às esferas citadas anteriormente, o tom construído por esse cruzamento de ironias desestabilizadoras de certezas está perto do sarcasmo. O conjunto de textos sobre o Caso Malta publicado na *Gazeta* e em outros jornais expunha de tais modos a violência, a arbitrariedade policial e a falta de seriedade do jornalismo em combatê-las, que devia fazer gargalhar o leitor que abrisse a folha e desse com a justificativa de Lélío, de que buscava somente a verdade.



O leitor machadiano também poderia perceber um eco entre essa bala e certas imagens e pontos de vista presentes em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880) – memórias dedicadas aos vermes. O ponto de vista da morte é aquele pretensamente livre: “Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, desafetar-se”<sup>102</sup>. Recorre-se a uma estratégia discursiva, guardadas todas as proporções do contexto em que aparecem, que diz respeito a certa fantasia em relação a uma posição isenta de interesses. A liberdade pretensamente desinteressada de roer os acontecimentos, ligada ao espaço da morte, parece veicular uma ideia de que o paradoxo e a ironia de certas formas artísticas realizam um desinteresse em relação aos fatos. Contudo, o desinteresse é formulado no interesse de pontos de vista não legítimos, o que abre o espaço de instabilidade de sentidos. Algo semelhante cabe àquela vontade de afirmar uma esfera pública, em que, se sua lógica deveria ser a de uma arena “civilizada” e racional de lutas e alianças por valores, sentidos e projetos, em parte certos valores como “neutralidade ideológico-partidária”, “bem comum”, “interesse de todos”, “objetividade dos fatos” parecem querer se postar acima das lutas e com legitimidade intrínseca.

As “Bala de estalo” mimetizaram uma série de tensões e vontades, das quais apenas uma parte pôde ser discutida neste trabalho. Destacamos duas das estratégias de sua criação cujas reverberações dialéticas interferem no âmago da imprensa, da própria legitimação do saber produzido pelo jornalismo e por meio do que esse saber se constitui. São elas o projeto de escrita gerido coletivamente e a ficcionalização dada pela paródia de diversos gêneros do discurso. As práticas de “Balas de estalo” mostram no contrapelo das práticas jornalísticas um contraponto à vontade de verossimilhança subordinada à ordem dos fatos, deixando ver, pela ficcionalização, não uma adesão à pura ideologia do decoro de objetividade, mas as práticas jornalísticas como uma engajada intervenção na realidade, que produz e busca legitimar certa racionalidade, certos juízos. O princípio coletivo de sua criação evidencia tanto a ordem dos dispositivos que gerem a possibilidade do dizer conformada na rubrica, quanto a ordem da instabilidade posta para cada um de seus colaboradores sobre como atuar nesse projeto, colocar seus posicionamentos, propor suas soluções. Esses baleiros da *Gazeta de Notícias* tiveram que se haver com uma construção coletiva dos sentidos e dos modos de afirmar uma esfera pública e nela intervir.

---

<sup>102</sup> ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa em quatro volumes*: volume 1. Organização Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecilio, Heloisa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 658, 2008.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo?. In: *O que é contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Santa Catarina: Argos, 2009.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- ALONSO, Angela. *Ideias em Movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: \_\_\_\_\_. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.
- ASSIS, Machado de. *Crônicas de Lélío*. Organização, prefácio e notas: Raimundo Magalhães Júnior, Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira S. A., 1958.
- \_\_\_\_\_. *Balas de Estalo de Machado de Assis*. Organização, introdução e notas: Heloisa Helena Paiva de Luca. São Paulo, SP: Annablume, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa em quatro volumes: volume 1*. Organização Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecilio, Heloisa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Quincas Borba*. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa em quatro volumes: volume 1*. Organização Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecilio, Heloisa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Emsantina Galvão G. Pereira, revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BERGAMINI, Atilio; TATIM, Janaína. Machado de Assis no tabuleiro das 'Balas de estalo'. *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 55, p. 33-53, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/42399>>. Acesso em 17 nov. 2014.
- BOSI, Alfredo. O teatro político nas crônicas de Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *Brás Cubas em três versões: estudos machadianos*, São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2006. p. 53-103.
- BOENAVIDES, William Moreno. *As formas da intervenção: política nas Balas de Estalo de Machado de Assis*. 2012. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000865904&loc=2012&l=298c01a199f4b30c>>. Acesso em 20 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. A Cordialidade de Lélío: Machado de Assis nas “Balas de Estalo”. *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 55, p. 55-71, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/42474/28532>>. Acesso em 20 fev. 2014

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_. [et al.] *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro, RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

\_\_\_\_\_. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, v. 1. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

CANO, Jefferson; GRANJA, Lúcia. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *Comentários da semana*. Organização, introdução e notas: Lúcia Granja e Jefferson Cano. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

CHALHOUB, Sidney. A crônica Machadiana: problemas de interpretação, temas de pesquisa. *Remate de Males*, Campinas, v. 29, n. 2, p. 231-246, 2009. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/1055/993>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

CHALHOUB, S; NEVES, M. de S.; PEREIRA, L. A. de M. (org.). *Histórias em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública*. Tradução de Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de Estética*, volume IV. Tradução Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Corsario: periodico critico, satyrico e litterario*. [S.I.: s.n.]. Disponível em <<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/corsario-periodico-critico-satyrico-e-litterario>>. Acesso em 20 fev. 2014.

JACKSON, K. David. A modernidade do eterno em Machado de Assis. In: *Machado de Assis e a crítica internacional*. Organização Benedito Antunes e Sérgio Vicente Motta. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LEÃO, Múcio. Ferreira de Araújo. *Autores e Livros*, Rio de Janeiro, v. XI, n. 12, pp.113-124, dez. 1950.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a crônica. In: \_\_\_\_\_. *As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRGS, 1998, p. 109-196.

MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de J. Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As máscaras de Lélío: ficção e realidade nas “Balas de estalo” de Machado de Assis*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000473160>>. Acesso em 13 de fev. de 2014.

\_\_\_\_\_. *Política e humor nos últimos anos da monarquia: a série “Balas de Estalo”* (1883-1884). 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000350300>>. Acesso em 13 de fev. de 2014.

\_\_\_\_\_. *História e crônicas: “Balas de estalo” e as questões políticas do seu tempo* (1883-1887). Campinas: Monografias do IFCH-UNICAMP, [2002?].

SCHWARZ, Roberto. Leituras em competição. In *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

SUSEN, Simon. Critical Notes on Habermas’s Theory of the Public Sphere. *Sociological analysis*, Londres, v. 5, n. 1, pp. 37-62, fev. 2011. Disponível em <[http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2043824](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2043824)>. Acesso em 17 de nov. de 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOURIAU, Étienne. *Vocabulaire d’esthétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

THÉRENTY, Marie-Éve. *La Littérature au Quotidien*. Poétiques journalistiques au XIX<sup>e</sup> siècle. Paris: Éd. Le Seuil, coll. Poétique, 2007.

## PERIÓDICOS MENCIONADOS E CONSULTADOS

Apostolo, O, 1876 - 1885  
Autores e Livros, 1950  
Correio Mercantil, 1856-1857  
Corsario, 1883  
Diario do Brazil, 1881  
Diario de Noticias, 1883  
Diario do Rio de Janeiro, 1847 - 1850  
Despertador, O, 1841  
Gazeta da Tarde, 1880  
Gazeta de Noticias, 1875 a 1904  
Gazetinha dos Sabbados, 1876 - 1877  
Ilustração, A, 1886  
Jornal do Commercio, 1883 - 1884  
Mequetrefe, O,  
Noticia, A, 1884  
Paiz, O, 1883 - 1884  
Pátria, A, 1888 - 1889  
Presse, La, 1836 - 1852  
Revista Brasileira, 1879 -1880  
Semana, A, 1883 - 1884  
Semana Illustrada, 1863  
Voz do povo, A, 1847

## ANEXO – Fala do Trono

No dia quatro de maio de 1883, tanto a *Gazeta de Noticias* quanto o *Jornal do Commercio* publicaram na primeira página a seguinte transcrição da Fala do Trono:

Augustos e digníssimos Srs. Representantes da nação. Congratulo-me pela reunião da assembleia geral legislativa, certo do concurso de vossas luzes e patriotismo para o desenvolvimento de nossas instituições e progresso da prosperidade nacional.

Continuam pacíficas e amigáveis nossas relações com as potências estrangeiras, e creio que assim permanecerão, graças à política internacional do Império, reta e conciliadora.

É de lamentar que ainda não me seja permitido noticias a desejada paz entre as repúblicas do Chile, Peru e Bolívia.

Manteve-se inalterada a tranquilidade pública, exceto na capital do Paraná, onde logo restaurou-se a ordem, mediante as providências tomadas pela autoridade e o apoio da maioria da população.

Está quase extinta a epidemia da varíola que flagelou as províncias e esta cidade, na qual manifestou-se também a febre amarela, que felizmente já começou a declinar.

A população indigente foi socorrida, e tornaram-se medidas para evitar a propagação do mal; outras, porém, são necessárias, mas que dependem do poder legislativo, afim de estabelecer uma eficaz administração da saúde pública, e realizar os melhoramentos de que urgentemente carece esta capital.

Com os meios que facultastes ao governo vai se desenvolvendo a viação férrea.

A imigração espontânea para os portos do Império ainda não corresponde às exigências da agricultura; está, entretanto, encaminhada a corrente e tende a aumentar.

Sinto anunciar-vos que a baixa do preço do principal gênero de produção nacional e a escassez da safra em algumas províncias do norte têm embaraçado a progressão das rendas públicas; é, porém, de esperar que se restabeleça com a cessação das causas passageiras que perturbam seu regular crescimento.

O governo conta com vossa coadjuvação para poder levar a efeito reformas de que precisa a administração pública.

Conto que auxiliareis a reorganização da magistratura em condições que assegurem a capacidade e independência dos juizes; e a reforma da administração das províncias e dos municípios, desenvolvidas as fraquezas locais, de modo a não prejudicar o supremo interesse da unidade e integridade nacionais.

Em quase todas as províncias as respectivas assembleias têm revogado as leis que inconstitucionalmente haviam criado impostos de importação. Ficaram as províncias por isso em mais precária situação financeira, o que torna indeclináveis a discriminação e divisão das rendas e serviços, gerais, provinciais e municipais.

O governo tem descurado a ensino público, mas necessita este de profunda reforma, da qual sem dúvida vos ocupareis, compenetrados de que não há assunto mais digno de vossa solicitude.

Fazendo justiça a vossos sentimentos, espero que não vos esquecereis da gradual extinção do elemento servil, adotando medidas que determinem sua localização, assim como outras que auxiliem a iniciativa individual, de acordo com o pensamento da lei de 28 de setembro de 1871.

A justiça e as conveniências públicas aconselham disposições legislativas que atendam à sorte dos funcionários invalidados no serviço do Estado, e acautelam o futuro de suas famílias com a Instituição de um monte-pio obrigatório.

Augustos e digníssimos Srs. representantes da nação.

Interpretes da opinião nacional, confirmareis as esperanças que sempre se despertam ao começardes vossos trabalhos.

Está aberta a sessão.